

WLADIMIR OLIVIER

VERSOS PERVERSOS — I

(INÍCIO DO TREINAMENTO POÉTICO-MEDIÚNICO)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos provieram da Espiritualidade!

Quem não tem cão, bom amigo,
Conforme antigo refrão,
Vai à caça com seu gato;
Mas eu tenho p'ra comigo,
Ouvindo meu coração,
O bom é não ir ao mato.

A maior parte das coisas
Que se fazem neste mundo
Não merecem dos mortais
O interesse dum segundo.

Entretanto, muitas delas,
Que se fazem num segundo,
São causa do desespero
Que vai grassando no mundo.

ÍNDICE

1. Começemos com Jesus	7
2. Caracteriza-se o treinamento	9
3. Tiros p'ra todo lado	11
4. Em quinta marcha	13
5. O amargor do fel	17
6. Brincar como solução	19
7. Escandir, rimar, medir	21
8. Versos em profusão	23
9. Com esperança	27
10. Dois galos na rinha	29
11. Em pouco tempo	31
12. Exercícios de completar quadras	33
13. Crescem penas às asas	37
14. Choramingando	41
15. Canto de pardal	45
16. Para o espírito crescer	47
17. Nervos de aço	51
18. Miscelânea	55
19. Conte comigo	59
20. Jesus e a formiga	63
21. Banho de água fria	65
22. Sem <i>grilo</i>	69
23. Atrevimentos	73
24. Testes métricos	75
25. Acabrunhados	79
26. Vontade de acertar	83
27. Tema invariável	87
28. Rimas psicográficas	89
29. Dando trela	91
30. Cacos de poesia	93
31. Paciência, fé, perseverança e amor	95
32. Perfaz-se a quota	97

1

COMECEMOS COM JESUS

O caminho de Jesus,
— Será bom não esquecer —,
Prometia muita luz,
Mas terminou de uma vez,
Na triste sombra da cruz.

Nosso Mestre inolvidável,
Com expressão jovial,
Buscava afastar dos homens
O que lhes fizesse mal.

Por terras desconhecidas,
Por longo tempo, Jesus
Peregrinou. E, depois,
Fez a sua aparição
Em grande foco de luz.

As ardências do deserto
Queimaram do Mestre a pele,
Mas nunca lhe arrefeceram
O seu grande amor que excele.

Quando o seu primeiro impulso
Para esta escrita ocorrer,

Afrouxe e relaxe o pulso
Para que possa escrever
De modo bastante avulso
O que queremos dizer.

Sabemos que este treino
Só trará bom proveito,
Se houver de sua parte
Persistência e respeito.

— *Paciência!*, dirá o irmão,
Se tudo for dar em nada.
É que o trabalho de agora
É só aula preparada.

Moçoila a cantar alegre
Tem um gajo no pedaço,
Querendo fazer muxoxo
P'ra quedar em seu regaço.

Embora mão não tenhamos
Para estes versos fazer,
Vamos levando esta vida,
Até ter de suspender.

Que belos são estes versos
Que pretendemos dizer!
Entretanto, o nosso amigo
Não tem nada a que temer.

Parecia estar o dia
Bastante prejudicado,
Pois tudo o que se escrevia
Demonstrava pé quebrado.

Risos, cores, serpentina...
É muito alegre o folguedo.
É como se estes versinhos

Se mudassem em brinquedo.

O dia será gostoso,
Pois tudo o que se fizer
Vai ter o visto do *mestre*
Para o que der e vier.

Somos ainda *tapados*:
Não conseguimos juntar
O ritmo leve das trovas
Ao sério raciocinar.

Caso exista vitupério
Nesta nossa atividade,
Que se diga desde logo;
Faça-nos essa bondade.

Rezando p'ro bem de todos,
Ficamos o dia inteiro;
De repente, percebemos
Que este amor vinha primeiro.

Um dia de antigamente
Bem mais longo parecia.
Hoje a vida passa rápido:
Chega logo o fim do dia.

Quando vem surgindo a ideia,
P'ra nossa satisfação,
Vamos logo registrá-la,
No fundo do coração,
P'ra depois analisá-la,
Com as luzes da razão.

Se for honesta e sadia,
Deixemo-la como está;
Mas se for perversa e fria,
Expulsemo-la de lá.

São graves os pensamentos
Que podem estar contidos
Em quatro simples versinhos,
Já que ficam resumidos.

Recusando-se a dizer
Quem seria vencedor,
O amigo destoutro plano
Demonstrou ter muito amor
Por todos os litigantes
Que mostravam, ofegantes,
Que não temiam sofrer
As dores, que ele sabia
Sinal de supremacia.

Se lhe parece preciso
Deixar o posto da escrita,
Vá em paz, o caro amigo,
Pois que tem a alma aflita,
P'ra retornar em seguida
Para nos dar mais guarida.

Por ora basta, querido!
É bom você dar ouvido
A quem lhe veio falar.
Se for palavra de amigo,
Se puder contar comigo,
Você irá confirmar.

É pobre a rima que faço,
Muito mais rija que aço,
Tão inflexível e fria.
Mas, que fazer, caro amigo,
Se carrego aqui comigo
Esta alma "*porcaria*"?!...

2

CARACTERIZA-SE O TREINAMENTO

Quem bem souber esperar,
Com paciência e muito amor,
Um dia, vai-se encontrar
Juntinho a Nosso Senhor.

Quem desafia o Senhor,
Não percebendo o que faz,
Não poderá ser chamado
De pequeno bom rapaz...

Este amor que estou sentindo
Por Jesus, José, Maria
Vai agora transformando-se
Em amor de mais valia.

Preciso desvencilhar-me
Deste grande medo atroz,
Para poder ajudar-me,
Bem assim a todos vós.

Caminhando com Jesus,
Teremos grande poder,
Nunca mais hesitaremos,
Ao procurarmos vencer.

“— Que belos versos, amigo!”,
Espero um dia escutar,
Para poder aos mentores
Meus parabéns vir a dar.

Quando vem nascendo o dia
E desponta o Sol, augusto,
Qualquer trovão ou relâmpago
Causam-nos o maior susto.

Assim é que deve o amigo
Reagir perante os vícios,
Que são marcas indeléveis,
Não são simplesmente indícios.

Quando o bom dia, ao nascer,
Revela este sol benigno,
É hora de agradecer
Com um gesto muito digno.

Rezo com muita esperança
De poder ver, algum dia,
O amigo médium dizer
Estar cheio de alegria.

Resultado deste esforço,
A pequena rima acima
Está p’ra nos indicar
Um bem que muito se estima.

Cada macaco em seu galho
Não ousa o “mestre” dizer,
Com medo de ficar claro
Para a poesia esquecer.

É um insulto, caro irmão,
Teimosia elementar,

Ficar extraindo leite
De simples clarão lunar.

Dizem que a Lua formosa
Se veste com todo o brilho,
P'ra saudar, mui venturosa,
O nascimento do filho.

Realmente, caro amigo,
Se prosseguir desse jeito,
Breve teremos alguém
P'ra deixar preso num leito.

Está o hospício repleto
De quem, um dia, tentou
Saber se valia a pena
Poetar; mas endoidou.

Reaja, caro irmãozinho;
Escute a voz da razão:
Dê sossego à sua mente
E paz a seu coração.

Evite deambular,
Sem destino pela rua:
Você só irá encontrar
Quem lhe vá “meter a pua”.

Não lhe parece bem claro
Que tudo está piorando,
Pois o que era promessa
Hoje vai degradingolando?!...

Não repare em nossas dicas,
Porque só estamos treinando.
Se você for observar,
Verá que está melhorando.

O verso de pé quebrado
Vai ficar só no rascunho.
P'ra que possa melhorar,
Algo faça de seu punho.

Hoje está capenga o dia,
Sem algo que possa ser
Deveras reconhecido,
Para este esforço valer.

É tarde para iniciar
Outra mensagem de amor:
Fique só na última prece
Endereçada ao Senhor.

Meu Pai! e Graças a Deus!
São expressões tão bonitas;
Por que deixar as mãezinhas
Aflitas; mas tão aflitas?!...

Os caminhos de Jesus
Merecem ser palmilhados,
Com amor e muita fé
Em que seremos lembrados.

Até ontem parecia
Que tudo iria dar certo;
Hoje tão só suspeitamos
Que nem tudo está tão perto...

Vou terminar por aqui,
Não insistindo demais.
Quem sabe, num outro dia,
Realize muito mais.

Estou bastante inseguro;
Não sei se devo parar:
Porque, se der outros passos,

Não vou sair do lugar.

Estas são preocupações
De quem não deve respeito
Pela presença do amigo
Mais chegado junto ao peito.

Quantas devem ser as vezes
Que lhe iremos escrever
Estes punhados de frases,
Sem que ninguém chegue a ler?

Eis a mais sábia pergunta
Que devemos dirigir
Aos nossos irmãos do etéreo
Que não querem se afligir.

Não vou parar por aqui.
Vou seguir até o fim,
Pois espero, para breve,
Que bem olhem para mim.

Sei bem que, um dia, disseram
Que *capim* rima com *mim*,
Mas não vou continuar,
Pois isto não terá fim.

Cada vez que escrevo um verso,
Mantenho a falsa impressão
De que tudo irá dar certo,
Mas sempre fico na mão.

As pobres rimas em **-ão**
É o que há de mais comum,
Parece que se fizeram
Sem seguir critério algum.

É hora da despedida,

Pois cheguei ao fim da folha.
Vou deixar para amanhã
P'ra ver se extraio esta rolha.

Caro amigo Wladimir,
Está cada vez melhor,
Pois será sempre oportuno
Dar-lhe estímulo maior.

Estas últimas quadrinhas
Estão bem melhor ditadas.
Vê se você pega o ritmo,
P'ra serem aproveitadas.

Os bons amigos poetas
Não estão interessados.
Talvez sejamos capazes
De repente engraçados.

Nossa última tentativa
Não chegou ao seu final,
Mas esta ao menos promete
Que digamos: — *Menos mal...*

Faltam só mais duas quadras,
Pois é o espaço que temos.
Está tudo reservado,
Conforme a lista que vemos.

Adeus, mui querido amigo!
Voltaremos amanhã,
Talvez com céu descoberto,
P'ra brilhar Aldebarã.

3

TIROS P'RA TODO LADO

Formosa rosa em botão
É flor que se vai abrir;
É dessa forma que vemos
A vida de Wladimir.

Outro dia de trabalho
É este que hoje transcorre;
Aproveitemos o dia
P'ra de amor tomar um porre.

Entre os diversos dizeres
Que, lá na *Bíblia*, encontramos,
É bem difícil de achar
Palavra de que gostamos.

É, pois, preciso cuidar
Nada lançar no papel,
De forma precipitada:
— Não creia em Papai Noel...

Abra espaço, bom amigo,
Para a reforma moral.
Não fique dependurado
Em beiradas de cristal.

Somos todos prisioneiros
De compromisso assumido;
Pode ser que alguém escape,
Mas disso muito duvido.

Plantei cheirosa roseira,
No fundo do meu quintal;
E quem olhar para ela
Se olvida de qualquer mal.

Roncava Juca, furioso,
Palavras de atroz vingança;
Mas fugiu-lhe o desafeto:
Foi p'ra bem-aventurança.

Era Raquel o seu nome,
No tempo em que a conheci;
Foi, porém, como Rosaura
Que com ela convivi.

Antigamente eu sabia
O que iria escrever;
Agora mourejo à toa,
Sem saber o que dizer.

Chamo os poetas do etéreo
Que venham falar comigo:
Estou à disposição
Para lhes dar meu abrigo.

Reconheço: tenho muito
Que deverei aprender,
Mas continuo disposto
Ao sacrifício fazer.

Não irei decepcionar-me
Se falhar mais de uma vez;

É que sei que tudo passa:
Não existe aqui *talvez*.

— *Estou à disposição* —,
Diz o médium, irmãozinho;
Mas não consegue entender
Que agora fala sozinho.

Desde bem pequenininho,
Tenho tido experiência;
Será que agora terei
De perder minha paciência?!

As atitudes que assumo
P'ra poder oferecer
Um pouco de regalia...
Não sei o que vá dizer...

Enquanto estou esperando,
Não me custará escrever,
Quiçá, vai dia, vem dia,
Algo possa surpreender.

Jamais compreendo de fato
O que acontece comigo:
Estarei realmente só,
Ou estará aqui um amigo?

Se qualquer coisa viesse
À beira do entendimento,
Por certo iria ficar
Isento de sofrimento.

O que muito me interessa
Conhecer, neste momento,
É a maneira usual
De ter aproveitamento.

*“Como são belos os dias
Do despontar da inocência!”¹*
Acho que algo encontrei,
Bem no fundo da consciência.

Sinto que em tudo que escrevo
Existe o desejo imenso
De fazer algo que preste.
Será isso egoísmo,
Ou somente *cafajeste?*...

Estou com muita vergonha
De tempo estar a perder:
Sinto forte comichão
Para parar de escrever.

Temo que tenha perdido
Outra horinha preciosa,
Vendo se escrever consigo
Alguma coisa valiosa.

Meu forte poder de crítica
Não me permite dizer
Que tenho facilitado
As coisas p’ra outro ser.

Devo, portanto, encerrar
Toda esta minha aflição,
Bem certo de que algum dia
Vão me tomar pela mão
Para deixar registrado,
Sempre com muito cuidado,
Algo *em forma de canção*.

Temo que esteja perdido,
Que já não tenha perdão,

¹Versos de Casimiro de Abreu (*Meus oito anos*), in **As Primaveras**.

Que o meu coração amigo
Não consiga mais vibrar
Sem grande perturbação!

Escuto o som de um motor
Roncando forte na rua;
Mas prefiro a solidão
De um céu cheinho de lua.

Lua, rua — é riminha
Demasiado *careta*.
Quero ver como me arranjo
Se estiver a coisa preta!

Quem convive co'a — miséria
Irá ter algum — valor?
A coisa é bastante — séria:
É preciso ter — amor!

Este — desapontamento
Se algo nos falha na — vida,
Quer que estejamos — atento:
É luta — reconhecida.

Atenuemos um pouco
Os momentos de tensão,
Fazendo ver ao irmão
Que, sem força de vontade
Da parte de algum dos seres,
Ninguém poderá chegar
A alcançar felicidade.

Mediunidade é renúncia,
Mas é também alegria.
Não fique, querido amigo,
Triste, triste — noite e dia.

Quem sabe bem esperar,

Com o coração na mão,
Um dia, vai alcançar
As terras da perfeição.

Estes últimos recados
Já se vão constituindo
Em bons frutos fora de época
Que se vão distribuindo.

Saber apanhar poesia
Há de ter um pressuposto:
Será preciso que o espírito
Também esteja disposto.

Não basta o médium saber
Distribuir as palavras,
Se este anunciante não sabe
Para que servem as lavras.

Queremos dizer com isto
Ser o sacrifício inútil;
Não terá nenhum sentido,
Se o tema for muito fútil.

4

EM QUINTA MARCHA

Este dia já está sendo
Muitíssimo proveitoso.
— O mediador está vendo
Que vai sair vitorioso.

Não queira aí espantar-se
Diante de tais sucessos.
O mais que vamos fazer
É estimular-lhe os progressos.

Não vá prender-se por nós
Ao intentar escrever.
Saiba que temos razão
Em desejar compreender.

As primeiras tentativas
Pareceram superiores;
A derradeira, entretanto,
Já não mereceu louvores.

Não se aborreça, amiguinho,
Com esta simples escrita;
Mais importante é saber
Ser a existência infinita.

Sabemos bem, de sobejo,
Que tem o escrevente tino:
É sábio, é mestre erudito,
Mas não passa de menino,

Quando tenta a redação
Nesta forma de escritura,
Pois não basta ter cultura:
É preciso inspiração.

Não vamos continuar
O médium atezando,
Já que é impossível rimar
Termos que estamos ditando.

Ante os perigos das rimas
Não sabemos prosseguir;
É, por isso, que dizemos:
— *Muita calma, Wladimir!*

Falemos hoje de paz,
De amor, virtude e perdão,
Sem esquecer que Jesus
Nos tem em seu coração.

A vaidade, que, uma vez,
Fez crucificar o Cristo,
Inda se integra nas almas,
Dizendo, feliz: — *Existo!*

Raramente alguém fará
Poesia com liberdade,
Sem que tenha definida
A sua mediunidade.

Todo o critério que um dia
Fundamentou minha voz

Está agora bloqueado
Por inteligência atroz.

Ridícula a tentativa
De conseguir algo bom,
Mas treinamento é preciso
P'ra esclarecer nosso irmão.

Sapequei mais uma vez
Termos de baixo calão,
Porém, o amigo interveio,
Dizendo: — *Cuidado, irmão!*

Este amor que Jesus veio
Pôr nos corações bem fundo
Necessitou do correio,
P'ra se espalhar pelo mundo.

A porta estava trancada,
Quando cheguei a este ponto,
Começo a entender agora
Porque tanto desaponto.

Estou começando a livrar-me
Das peias que prendem a mão
De sorte que em bem pouco tempo
Iremos fazer sensação.

Raramente alguém compreende
De que forma se desata
A mente que está falida
Como uma podre batata.

Eis que este dia promete
Ser bastante proveitoso,
Desde que a pena percorra
Este trajeto gostoso.

Aos poucos vão despontando
Flores em nosso jardim,
Com um pouquinho de esforço,
Alcançaremos o fim.

Amigo, deixe de lado,
Esse ar de preocupação,
Porquanto é isso que amarra
Esta nossa confecção.

Os ditados de Jesus
Trazem ao povo reunido
Bastante clareza e luz,
P'ra que se sinta perdido.

Desamarrei o que estava
Completamente amarrado;
Aos poucos fui despertando
O que se achava guardado.

Eis que é preciso dizer
Que estamos mui satisfeito.
É como se no jardim
Brotasse um amor-perfeito.

Não nos vamos iludir
Com vitória pequenina;
É preciso prosseguir,
Fazendo a coisa em surdina.

Realizamos o treino.
Parece que progredimos,
Mas a vitória se dá,
Quando nós a permitimos.

Coma feijão com arroz,
Batata-doce e café,
Mas não se esqueça, também,

De rezar, com muita fé.

Oxente, caro menino!,
Começo a compreender
Que já está o ponto de encontro
Bem prestes a acontecer.

Fiquemos nas mãos de Deus,
Ergamos o pensamento,
Sintamos estar nos céus,
Sigamos o ensinamento
Do nosso amado Jesus,
Que nos trouxe a sua luz,
P'ra transformar o momento
De tanta felicidade,
Em amor terno e profundo,
Mais que a grandeza do mundo,
Para toda a eternidade.

Já não pense, companheiro,
Que os outros amigos médiuns
Tiveram sorte e sossego,
Ao começar o apanhado
De tão difíceis dizeres.
Saiba que muitos penaram
E muito se preocuparam,
Ao tentarem dar início,
Ao que mais tarde parece
Acontecer por acaso,
Como se fosse fácilimo
Oferecer nosso braço
Para esta psicografia,
Como ato de mecânica.
É que os dias vão passando
E nós não nos damos conta:
O que fica registrado,
Bem impresso e publicado,
É o que cai aos nossos olhos.

Vamos, agora, saber
O que se passa no etéreo,
Quando se quer atender
A quem, com tanta vontade,
Se põe tão logo a escrever,
Talvez por necessidade,
Pois, certo dia, disseram,
Com toda a sinceridade,
Que o objetivo desta vida
Era ter mediunidade.

Eis que a escuridão se alastra;
Quase não dá para ver.
Por isso mesmo, querido,
Não pare mais de escrever,
Quem sabe esteja por perto
O momento de saber
Que é já chegado o momento
De tudo ficar sabido:
O que se queria obter,
E o resultado auferido.

Não pare, nós lhe pedimos,
Prossiga na mesma linha,
Estamos quase chegando
Ao ponto que programamos,
Porquanto, se há treinamento,
Da parte do amigo médium,
Também nós, aqui do etéreo,
Vamos imprimindo ao cérebro
Um movimento esquisito,
Muito lento mas propício
Ao apanhado de ideias
Que se fazem necessárias
Para que se possa chegar
A oferecer qualquer dia
Um pouco desta poesia,

Mesmo que esteja somente
Na cabeça desta gente,
Sem nada de sentimento,
Porque a hora é chegada,
De abandonar esta estrada,
Deixando o bondoso amigo
Lembrar-se do trato antigo.

Eis que haverá presunção
De poder oferecer,
A quem interessar possa,
Nossos préstimos de amor.
Não há de faltar socorro
P'ra quem experimentar
Chegar ao ponto em que estamos,
Para poder exprimir
Termos de serenidade
Ao amigo Wladimir.
Vamos ficar *na saudade*...

5

O AMARGOR DO FEL

Hoje, o dia está propício
Para apanhar bons ditados;
Será este claro indício
Dos trabalhos planejados.

Se não começamos bem
Esta nossa experiência;
É preciso compreender
Que exista maior vivência.

Os sentidos do irmãozinho
De ouvir, de ver e tocar
Não serão substituídos
Quando da troca de lar.

Os dedos, que dão tão bem
Esta sensação de quente,
Igualmente poderão
Avaliar toda gente.

Parece-nos que este dia
Já começa precioso,
Pois as frases vão deixando
Um argumento valioso.

Aos poucos, vão-se achegando

Os irmãos que têm vontade
De utilizar a poesia
P'ra trazer felicidade.

Sabemos bem que este método
De exercitar-se alheado
Do tema que vem à mente
Vai deixar o irmão ilhado.

Não sabemos prosseguir
A partir de certo ponto;
Rogamos ao Wladimir
Que nos dê um bom desconto.

Propomos ao irmãozinho
Que isto vá escrevendo ao léu:
Um dia ou outro, talvez,
Se encontre dentro do céu.

Rapidamente entendemos
A fácil repetição
Que a poesia nos oferta,
Nessa concatenação.

Nosso bode expiatório,
Neste momento de luz
É o pobre deste escrevente
Que não vê quem o conduz.

A quebra do pé do verso
Fica logo evidenciada,
Enquanto a frase prossegue
Em enorme disparada.

Pensamos, um outro dia,
Que bem mais fácil seria
Se as escritas só deixassem
As palavras que rimassem.

Mas a tempo vimos que era
Muito impróprio para nós
Pois o povo não ouvia
Mais o som da nossa voz.

Realizaremos agora
Alguns exercícios mais,
Pois achamos que este médium
Não se arrefeça jamais.

Já não temos bem certeza
De tudo o que aqui fazemos,
Porque não temos firmeza
Nos assuntos que trazemos.

Raramente encontraremos
O caminho da poesia,
Se ficarmos, simplesmente,
Lavrando trovas vazias.

O companheiro que escreve
Deixa bem claro aos parceiros
Que conhece muito o ritmo
Deste cantar brasileiro.

Era dever alegrar-nos
Com tal oferta operosa,
Mas temos bastante medo
De não passarmos da prosa.

É bem duro de dizer
Que não estamos propensos
A com lisura escrever
Pensamentos muito extensos.

É raro que os bons amigos
Mostrem tamanha ambição

De verem alguns versinhos
Passarem por sua mão.

Os últimos que dissemos
Pareceram *ajambrados*;
Vamos deixá-los, portanto,
Bastante bem circulados.

São poucas as esperanças
De chamarmos a atenção
Para algum irmão poeta
Que queira cooperação.

Isto é porque o treinamento
Mal agora se inicia;
Vamos ver o que acontece
Neste nosso dia a dia.

Se nosso amigo quiser
Deixar aqui um recado,
Não fique preocupado,
Haverá um novo dia;
Outros irmãos passarão
Recheados de harmonia
Para o registro feliz
De algo que melhor condiz
Com a sua aspiração.

Não saberemos dizer
Como foi que conseguimos
Os versinhos estender;
Pois não é a toda hora
Que dizemos — *Oi, Senhora!* —
E conseguimos fazer
Boa rima aparecer.

Este imenso vir a ser,
Que não ata nem desata,

Vai prosseguir por bom tempo:
Dizemos assim *na lata*.

Esta trova nada tem
De sutil ou camuflado
Que possa transparecer
Algo muito trabalhado.

É que nosso dia de hoje,
Por haver sido espalhado
Que não é chegada a hora,
Já se viu prejudicado.

Se arrependimento mata
— Contar com isso é preciso —,
Haverá bastante gente
Que vai perder o juízo,
Só em pensar naquele dia
De enfrentar Nosso Senhor,
Que, apesar de imenso amor,
Julga com toda a justiça,
Mas dando-nos alegria
Ao indicar nossa liça.

Está o amigo bem tonto
De aí ficar escrevendo;
Pois volte ao computador
P'ra ver o que estou dizendo.
Não permaneça parado,
Mexa-se, vamos — avance,
Não vá pensar outra vez
Que não existe mais nada
Neste jogo de xadrez.

É hora da despedida.
Fica aqui neste papel
Registrada outra desdita,
Sem qualquer gosto de mel.

6

BRINCAR COMO SOLUÇÃO

Veio este nosso irmãozinho
Trazer o seu depoimento,
Que lhe parece indicar
Todo seu grande tormento.

É pena que não vá ter
Participação moral,
Pois seu desenvolvimento
Não acabou com o mal.

Parece ser o pior,
Na contextura moral,
O seu egoísmo atroz,
Que o deixa bastante mal.

Que bela tarde, contudo,
Ele pôde propiciar,
Deixando alegre esta turma,
Que pôde comemorar.

Que fantástico é este dia!
Há de ficar registrado,
No fundo do coração,
Como dia abençoado.

Rapidamente chegamos
A compor alguns versinhos;
Mas não vamos insistir:
Aves — voltamos aos ninhos.

São aspectos pueris,
Sem grandes aspirações,
Mas que nos fazem sentir
Que nós temos emoções.

Há de ser alegre ver
Um irmãozinho na dor
Parar de se aborrecer
E buscar o nosso amor.

Sem que tivesse juízo,
Não iria apresentar-se;
Agora folga contente,
Pois está a felicitar-se.

Nós, entretanto, não temos
O mesmo senso da vida,
Pois o mister que fazemos
Não chega a nos dar guarida.

Hoje o dia está melhor
P'ra esta composição,
Já que a mão deste escrevente
Está solta — e o coração.

Nós não nos atreveremos
A confirmar mui convictos
Que vamos sair daqui
Absolutamente invictos.

Esta derradeira trova
Não nos parece sutil;

Parece mais uma prova
Preparada com ardil.

Realmente, caro mestre,
Vamos logrando melhoras;
Senão como é que estaríamos
Fazendo passar as horas?!...

Demonstra hoje este treino
Que teremos bom sucesso,
Se ficarmos mais um pouco
Contentes com o progresso.

Se nós estamos sozinho,
Nesta de escrever em versos,
Em breve, conseguiremos
Alguns poetas diversos.

Pode a estrofe anterior
Vir a parecer mesquinha,
Mas devo ter a coragem
De dizer bem alto: — *É minha!*...

Que bom estarmos contentes
Com a nossa produção!
Parece que, desta vez,
Acertamos nossa mão.

A rima que conseguimos
Imprimir em cada verso
Parece arrancada a força
De bem precário universo.

Eis acima bom exemplo
Do que se pode arranjar,
Quando ao mar se dão as velas,
Sem se saber navegar.

É que falta totalmente
O sopro da inspiração
Que deveria brotar
Do fundo do coração.

O nosso querido médium
Olha bem folha por folha,
Pois assentou como norma
Não aceitar nenhum *bolha*.

Tem nosso bondoso amigo
Este vezo mui antigo
De vir colher as mensagens
Em imensas quantidades.
Mas hoje o dia é bem curto,
Está prestes a findar,
Pois o que mais desejamos
É o exercício acabar
Com alguma propriedade,
Pois o que muito prezamos
É conservar a amizade.

O dia não é propício
A que insistamos à toa,
Mas há de sair daqui
Qualquer coisa muito boa.

O pobre deste escrevente
Suspira mui desolado,
Vendo que vai demorar
P'ra algo ser aproveitado.

Porém, que não desanime,
Pois a vida continua:
A luta é doce e renhida,
Quando est'alma toda nua
Nos demonstra o que é essa vida.

Se nosso bom companheiro
Se lembrar de antigamente,
Vai ter de verificar
De que modo se apresenta,
E comparar, logo após,
Com o que lhe sucedia
Nos primeiros arremessos
Que lhe deram alegria.

Era assim mesmo que vinham
À sua mentalidade
Certas ideias corridas
Cheias de necessidade
De mais aperfeiçoamento.
Entretanto, o pensamento
Era exatamente escrito,
Para depois merecer
O apanágio de bom grito
De satisfação e amor.

Ou a rápida olhadela
Demonstrava bem tristeza,
Já que o que era beleza
Ficava longe dali,
Da mesma forma que ocorre
Com tudo o que hoje aqui
Está sendo lentamente
Passado para o papel.
São versos mil a mostrar
Que não é dando a granel
Que se irá arregimentar
Algo de muito valor.

O que se pode aprovar
É este esforço tenaz
Que traz um pouco de paz.
Até chega a parecer
Que nosso ideal de amor

Irá ser cumprido um dia,
Por essa dedicação
Que depositava o irmão
Ao trabalho que fazia:
Água mole em pedra dura...

Se não estiver cansado,
Prossiga um pouquinho mais,
O suficiente, talvez,
P'ra atingir o fim da página.

Recolho-me temeroso
De não ter sido bondoso,
Porque não está este irmão
Cuidando de algo valioso.

Poderia estar fazendo
Algo bem mais proveitoso,
Ao invés de ir ficando,
Aguardando, com paciência,
Que chegue o fim desta folha.

Eis que aqui chega afinal
A rima que nos faltava:
Ao iniciar, a garrafa
Estava com a boca aberta,
E o que vai ser bom p'ra ela?
— Vamos ver quem é que acerta —,
Pois, se vai rimar com folha
Só pode ser uma boa
E definitiva rolha!
(Mas que rima mais caolha!)

7

ESCANDIR, RIMAR, MEDIR

Haverá, por certo, um dia
Em que nosso treinamento
Será tido unicamente
Como um enorme tormento,
Apesar de que p'ra gente
Seja só estremecimento.

Este que agora conduz
O braço ao mediador
O faz com muita alegria,
Paz, serenidade e amor.

Veja, querido irmãozinho,
Que as coisas já tomam forma.
Não fique muito assustado:
É isto que o texto informa.

Não haverá titubeios,
Se o bom amigo falhar.
É que não está na hora
De se desestimular.

Veja que dura tarefa
É esta de escrevinhar,

Tendo por ponto-final
Termo que possa rimar.

A composição poética
Está bem valorizada
Pela gente que deseja
Ver-se também consagrada.

Entretanto, são pouquinhos
Os leitores que se aprazem
De encontrar alguns versinhos:
Não sabem que esforço trazem.

Para bom entendedor
Só meia palavra basta;
Então, por que não ficamos
Co'aquele termo que arrasta?

Ontem, ouvimos dizer
Que estava o bom companheiro
Fortemente preocupado
Por perder o dia inteiro
Procurando realizar
Algo bonito e faceiro.

Claro que vamos fazer
Bem ligeiras incursões
No método de aprender
A compor dissertações.
Escandir, rimar, medir
São coisas do Wladimir.

Nós aqui do etéreo temos
Somente um alvo na mira;
Aproveitar deste espaço
Para algo bom que fira
A consciência, no regaço
Dos sentimentos do amigo

Que a perlustrar vai comigo
Estes versos por dever:
— É coisa boa de ver.

Uma folha já ficou
Toda cheia de versinhos.
Não vamos desanimar
Se parecem *quadradinhos*:
É hora de despertar
Para um outro sentimento.
Continue, portanto, atento,
Para muito agradecer,
Quando a turma reunida,
Cheia de amor e de vida,
Perder o medo e vencer.

Rapidamente conseguimos
Passar para estoutra maneira
De irmos levando os bons versinhos
A se ajustarem à coleira.

Não nos parece auspicioso
Realizar outras mudanças;
Voltar aos bons heptassílabos
Para termos esperanças.

Como é bom realizar
Algo que tenha valor;
Mais ainda se deixamos
Cá prevalecer o amor!

São solidários na vida
O bom marido e a mulher:
Fazem promessa cumprida,
Se o bondoso Deus quiser.

Sentimos certo cansaço
No ânimo do nosso irmão,

Mas lhe daremos o braço,
Porque tem bom coração.

Vejam que bonita rima
Se consegue para *irmão*,
Quando, no verso seguinte,
Se dispõe o *coração*!

Fraternidade convida
A festejar, sem descanso,
O bom sucesso na vida,
Por não tem sabor de ranço.

Que quadrinha mais sem gosto
A que deixamos acima,
Por cima de tudo ainda
Forçou-se a última rima.

Conheço um bom *matraqueiro*
Que chama a todos p'ra missa;
Por profissão, é barbeiro:
Barba, cabelo e suíça!

Se este treino é militar:
Rigorosa disciplina;
Vamos, então, perfilar
A partir lá da *matina*.

O velho do mar sorriu
Quando soube que, outro dia,
O povo da terra viu
Que a todos o céu se abria.

Já temos nossa medida
Para cada fim de dia:
É que o que é bom p'ra João
Deve ser bom p'ra Maria.

Estamos brincando um pouco
Para estender o exercício;
Não nos chame, por favor,
Por espírito-estrupício.

Rimar ainda que é fácil,
Bem melhor que versejar;
O que é bem difícil mesmo
É algo de bom grafar.

O assunto é que vem falhando
Para estes atrevimentos;
Se acharmos alguém que queira,
Vamos ceder os assentos.

Parece que o bom do médium
Fica resistindo à toa,
Com esperança de achar
Quem traga uma trova boa.

Ele está desconfiado
De que a rima que produz
Está carente, de fato,
Inteiramente, de luz.
Valha-nos Deus, neste instante,
E nosso Mestre Jesus!

Será que agora teremos
Um pouco de inspiração,
Já que evocamos Jesus
Para nossa proteção,
E ao bom Pai agradecemos
Toda esta sua atenção?!

Vamos dar colher de chá
Ao nosso bondoso irmão,
Pois nestes quatro versinhos
Deixamos o coração.

8

VERSOS EM PROFUSÃO

Aos poucos vamos criando
Novos focos de coragem,
Para que outros companheiros
Encetem sua viagem
Rumo ao reinado do Pai.
Pois é chegado o momento
Da responsabilidade
De apresentar aos mentores
O resultado parcial
Do trabalho realizado.

O querido amigo médium
Pede-nos, mui gentilmente,
Que mantenhamos aceso
Este *élan* a toda a gente.

Eu conheço um bom motivo
Para alegria de todos:
É preservar, neste escrito,
Os versos que vêm a rodos.

Era preciso dizer
Que a melhor rima p'ra todos
Outra poderia ser

Além desse *mar de lodos*?

Iremos, pois, caprichar
Buscando outra inspiração
Clareando o caminhar,
Dando ao médium u'a mão,
Deixando de apresentar
Rimas que dão confusão.

O poema doutro dia
Encheu nosso coração
Da mais profunda alegria:
É que vimos, finalmente,
A sair da nossa mente,
Uma boa confecção.

Isto de escrever quadrinhas
Parece bravo demais,
Mas iremos insistir,
Sem desistirmos jamais.

Querido irmão Wladimir,
Vamos pensar um instante,
Para conseguirmos compor
Algo bem mais importante.

Dê tempo ao tempo que temos;
Não queira se aproximar
Do resguardo protegido
Que nos cabe vigiar.

Quando vimos, outro dia,
Que lhe dávamos a mão,
Puxando, em tranco violento,
O sentimento do irmão,
Nós não nos arrependemos
Por havê-lo preocupado,
Fazendo sem muito esforço

Um trabalho descuidado,
Da mesma forma que agora
Este verso é despejado.

Fica o dito por não dito:
Se eu fora mais competente,
Teria deixado escrito
Lição p'ra um mundo de gente!

Como sofre este menino,
Querendo deixar, ladino,
Algo de grande proveito;
Mas, assim que se arrepende
De ter atendido a gente,
Doce dor sente no peito.

As vãs tentativas vão
Fornecendo boa pista,
Pois o que não se consagra,
Pelo menos, fica à vista.

Certo dia, uma senhora,
Observando os irmãos
Caminhando pelas ruas,
Disse de si para si:
— São alegres esses dois;
Estão reservando o céu,
Com amor, para depois.

É mui rico o pensamento
Que se deixa dominar
Por ideais de virtude,
Sem ter do que duvidar.

A fé não deve ser cega:
Se não houver consciência,
Que venham a ser eleitos
Os princípios da ciência.

Devagar se vai ao longe,
Diz muito antigo refrão;
Não será o que aí se passa
Com o nosso caro irmão?!...

Fique atento, bom irmão,
Pois está chegando a hora
De enfrentar duro labor
Ao lado dum ser que chora.

Prepare o seu coração
Para o que der e vier,
Porque nem tudo na vida
Lhe é ofertado de colher.

Angústia, dor, sofrimento,
Aguardam por todos nós
Que não chegamos a ouvir
De Jesus a sua voz.

Ramos toscos de oliveira
Serviram para forrar
Ruas em Jerusalém
Onde ia o Cristo passar.

Eram pobres folhas mortas
Que cobriam todo o chão;
E sobre elas caminhou
Dura e voraz multidão.

Um dia, só de alegria:
Festas, bandeiras ao ar;
Noutro, grande sofrimento
A nos fazer sufocar.

Jesus, bem pequenininho,
Um dia, viu-se a pregar

A sábios mestres da lei.
Teria força em seu peito
Para voltar a falar
A este povo insatisfeito?

Estes são pequenos trechos
Sem ter concatenação;
Serão alguns mais perfeitos
Para dar satisfação.

Basta prosseguir fazendo
Este treino sem cessar:
É que a turma necessita
Deste sério exercitar.

Estes dias vão passando,
Um a um, p'ra todos nós.
Chegaremos, certamente,
A desfazer estes nós.

Se algo de bom ocorrer
Entre um e outro incentivo,
Não vamos dar a entender
Que tudo está muito ativo.

Quando era bem pequeno,
Não sabia o que fazer
Diante do meu crucifixo
P'ra Jesus adormecer,
Deixando, por todo o sempre,
Daquele muito sofrer.

O crime de estar perdido
No mundo da viciação
É algo tão tenebroso
Que deveria assustar
Nosso caríssimo irmão.

Sinto que o empenho de agora
Está muito mais ameno,
Pois o coração do amigo
Bate muito mais sereno.

Existe já confiança
No ritmo das frases soltas:
É que resta uma esperança
Que de amor venham envoltas.

Num instante, a frase chega
Cheia de muita esperança;
Parece doce sorvete
Nas mãos de meiga criança.

Que bela frase tivemos
E passamos ao irmão;
Pena que seja tão frágil
Esta nossa inspiração.

*“Como são belos os dias
Do despontar da inocência!”*
São só fadigas que temos,
Ao chegar a adolescência.

Este sono do irmãozinho
Serve-nos para indicar
Que já está chegada a hora
De p’ra mensagem voltar.

Não se aborreça conosco
Se lhe demos esperança:
Volte p’ra suas tarefas;
Esqueça tal contradança.

Foi o dia produtivo:
Não se esqueça disso, irmão,
Porque pode parecer-lhe

Tenha ficado na mão.

As coisas vão sem sentido,
Porém, resta uma esperança:
Que cresça em malabarismo
O grupo que se abalança.

9

COM ESPERANÇA

Parece-lhe bem estranho
Que os versos tenham sentido?
Prepare-se, bom amigo,
Pois irá ser atendido.

Basta já de sofrimento,
Angústia e sofreguidão,
Vamos pôr mais um pouquinho
De esp'rança no coração.

Assim não vamos adiante,
A não ser por nosso impulso;
Se quiser continuar,
Vai ter ficar avulso.

Veja que dificuldade
Na quadrinha anterior;
Pois esta está diferente
Porque feita com amor.

Nessa estrofe anterior,
Mudamos o nosso rumo:
A tal ideia era nossa,
A linguagem deu o prumo.

Quando a quadrinha termina
De forma pouco usual,
Nossa rima desafina,
O conjunto pega mal.

Mas se a palavra final
Contém uma rima certa,
Eis que tudo se define:
É sinal de porta aberta.

Está propício este dia
P'ra uma festa preparar.
Então, nos rejubilemos:
É hora de festejar.

O ritmo de nossa frase
Parece surgir sozinho:
Muito fácil está sendo
Redigir este versinho.

O treinamento de agora
Será curto e proveitoso:
Curto, porque bem pequeno;
Proveitoso por gostoso.

Se nosso versinho acima
Não está tão bom assim,
É só um pecado de rima,
É só um tema mui *chinfrim*...

Entretanto, finalmente,
Conseguimos festejar,
Com um bom verso rimado
Que vai dar o que falar.

Parece sem proporção
O que se passa na mente

De nosso querido irmão,
Neste ato muito presente.

Uma bola no quintal,
A chaleirinha a ferver,
São os filhos do casal
A provar o bem-querer.

Eta teste picareta;
Parece que não engrena!
Se o mestre dita uma coisa,
O escrevente pega a trena
E vai medir, passo a passo,
Em atitude serena,
P'ra saber inteiramente
Se o mentor está contente.

O pobre deste senhor,
Que deseja palmilhar
O ritmo das sete sílabas
Vai ter muito o que contar,
Antes que possa saber
Que tem algo de valor.
O pobre deste senhor...

A vida tem muitas fases,
Mas o homem verdadeiro,
Ou a mulher prestimosa
Vão se sentir por inteiro,
Se se sentirem capazes
De julgarem-na preciosa.

Os versos de meu lavor,
Que logo acima se encontram,
Referem-se, certamente,
Às crianças que despontam.

— *Um dia, hei de vencer!* —,

Diz eufórico o mocinho.
Não sabe que, se perder,
Também é um nobre caminho.

Queridíssimo escrevente,
Você vai ficar contente
Com a notícia que temos:
P'ra sua felicidade,
Bata as teclas à vontade
Que outro texto ditaremos.

10

DOIS GALOS NA RINHA

Outra vez aqui estamos,
A medir os nossos versos;
Talvez agora tenhamos
Um pouco mais de sucesso.

É preciso atenção prestar
Na rima do último termo,
Senão acabamos ficando
Como peregrino em seu ermo.

O verso acima por pouco
Não nos deixava na mão,
Pois a palavra da rima
Nos fez boa confusão.

Mas o versinho anterior
Facilitou-nos por demais;
Estoutro em desenvolvimento
Não nos apertará jamais.

Como fica muito fácil,
Quando temos que dizer
E as palavras se dispõem
De forma a nos dar prazer!

Entretanto, caro amigo,
Vamos aperfeiçoar,
Se quisermos dar abrigo
A quem deseje rimar.

Estas nossas atitudes
De vigilância especial
Dão-nos um bom desafogo
Para esta expressão final.

Veja que facilidade
Temos p'ra desenvolver
Mui rápidos heptassílabos
[Que nos dão tanto prazer].

Não completamos a quadra
Para poder demonstrar
Que o compasso se acentua
Caso a rima seja em **-ar**.

É evidente que adaptamos
Tal **-er** dos versos primeiros,
Ao trazer o **-ar** p'ra amostra,
Como vem nos derradeiros.

Não repare, bom amigo,
Se nem tudo sai perfeito:
É preciso trabalhar,
Como forte negro no eito.

Vamos, então, prosseguir,
Sem ter arrefecimento,
A transformar as palavras
Em profundo sentimento.

Não que vamos demonstrar
Ter domínio por inteiro;

Mas, aos poucos, cresce a rima:
Algo se fez verdadeiro.

Lá se vai a prima página
Do trabalho deste dia:
Quem aguenta mais um pouco
Vai fugir desta agonia.

Vamos rimar *pouco a louco*,
Malucão e endoidecido,
Pois quem não tiver juízo
Deste grupo está varrido.

Sentimentos e emoções
São frutos especiais
Deste humano entendimento.
Por isso, caros amigos,
Sigam o meu pensamento,
Bem longe de qualquer mal:
Não somos filhos queridos
Do nosso Pai celestial?!...

Que belo fracasso tivemos
Querendo estender a poesia,
Pensando que tudo na vida
Termina ao final deste dia.

Uma hora bem transcorreu
Estando nós em sessão:
Como é boa sensação
Que pela espinha correu!

Tal arte de fazer verso
Deve sofrer muito pouco,
Quando o poeta perverso
Chora ao pensar estar louco...

A formiga guarda o trigo

Que apanha pelo caminho,
Para, no inverno, enfrentar
Da barriga o burburinho.

Se estes versos que fazemos
Vão tendo elaboração,
É bom ficar bem atento,
Pois quem escreve é um irmão
Que de si somente tem
Um pouco de inspiração.
Ai, que bom!
Ai, que bom!

O refrão dessa quadrinha
Foi nosso médium quem fez;
Aqui quem vai colocar
Somos nós — é nossa vez.
Chegou nossa vez!
Chegou nossa vez!

Pode parecer absurdo
Que este treinamento, um dia,
Vá servir de alguma coisa
Para se escrever poesia.

Já não estou conseguindo,
Apesar de fraca a rima,
Concluir estas quadrinhas,
Como fizemos acima.

Parece estar bem cansado
O companheiro escrevente;
Vamos, então, suspender,
Antes que desgoste a gente.

Diz-nos ele que, talvez,
Prosseguir seja o melhor:
Se parar, pode ocorrer

De se alcançar o pior.

Que espécie de verso é este
Que não tem inspiração?
É o que hoje somos capazes
De trazer ao nosso irmão.

Que bela ajuda tivemos
De nosso caro confrade!
Permanece ele a pensar:
— *Felicidade, quem há-de?!*

Se fôssemos vasculhar
O que este irmão tem guardado,
Provavelmente seríamos
De plagiador acusado.

São poucas as criaturas
Tão persistentes, teimosas,
Que, vendo o desastre imenso,
Prosseguem muito vaidosas.

Que rima tão imperfeita:
Teimosas — adjetivo,
Com *vaidosas* — outro tanto.
É isso definitivo?

Quebrar o pé do versinho
É o que estamos mais fazendo,
Enquanto isso, cá no espaço,
Tem gente se contorcendo.

Enquanto o espaço não for
Enchido devidamente,
Vamos ter de vir sofrendo,
Todos nós conjuntamente,
Escrevendo ao bom acaso,
Muito irresponsavelmente.

— *Que pobreza de ditado!* —
É o que deve estar agora
O bom amigo pensando,
Pois muito faz quem não chora.

Rapidamente encontramos
Outro meio de escrever;
Parece estarmos achando
O princípio do viver.

Este é o que vai perdurar
Por bastante tempo ainda,
Até que se dê acabado
Aquilo que nunca finda.

Antigamente, eu dizia
Ser possível, algum dia,
Chegar a bom resultado.
Mas hoje, preclaro irmão,
Cheio de desilusão,
Vou deixá-lo abandonado.

Até que, enfim, nós estamos
Bem perto da última linha.
Que felicidade, irmão:
Somos dois galos na rinha...

11

EM POUCO TEMPO

É esta solenidade
Que faz o povo pensar
Se não seria demais
Parar para meditar.

Cansados todos estamos
De estar escrevendo em vão,
Pois, ao sabor da penada,
Nosso irmão fica na mão.

Nosso amigo que, outro dia,
Veio trazer sua fala
Deixou-nos mui preocupados
Porque consente quem cala...

Não suponha, caro irmão,
Que de tempo seja perda
Ficar escrevendo a esmo:
De pelos se fazem cerda...

Que triste figura temos,
Ao chegar este momento:
Parece que o mundo todo
Rima como passa o vento!

Muito estranha é a melodia
Quando ouvimos a distância:
Terá sido impressão nossa,
Ou terá certa importância?

Agora o fluxo das trovas
Nos apresenta embaraço;
Será que retrocedemos,
Ou é fruto do cansaço?

Quanto tempo despendemos,
Nesta horinha fugidia:
A pena corre deveras;
O trabalho regredia.

O sono já fecha as pálpebras
Ao sonolento escrevente;
Que dizer destes poetas
Que estão ao lado da gente?!

Como este dia é sagrado,
Deveríamos parar,
Mas a nossa persistência
Obriga-nos a teimar.

As labaredas do inferno
Vão crestando, lentamente,
Os maus hábitos que, outrora,
Dominaram nossa gente.
Assim, com muitos carinhos,
Aos poucos, bem aos pouquinhos,
Navegam para o infinito
Muitos dos entes benditos.
— *Seja Deus onipotente*
Pai amoroso e clemente!

Sinto muito, caro irmão,

Não ter nenhuma intuição
P'ra deixar algo feliz;
Mas, se o nosso coração
Souber emitir perdão,
Será um ótimo juiz.

A mediunidade é força
Que todo humano possui,
Vamos tão só descobrir
Donde é que a bendita flui.

Devagar, vou descobrindo
Que existem desejos vãos,
Mas outros são ponderáveis,
Formulados por irmãos
Que cumprem certo o dever
De dar bom curso ao prazer
De efetuar a sessão.

Rapidamente, amiguinho,
Vamos bem elaborando
Algumas trovas certinhas,
Conforme vão se mostrando.

Assim que nós estivermos
Com nosso alvará na mão,
Iremos buscar assunto
P'ra alegrar o nosso irmão.

Nesse momento supremo
De grande contentamento,
Há de ficar o amiguinho
Certo deste fundamento,
Porque verá, no versinho,
Fluir nosso pensamento
E da nossa aleivosia
Vai acabar o tormento.

Se o dia não for bonito,
Se a noite não tiver lua,
Espero ser esperança
Tudo o que este irmão possua.

Vale sorriso, alegria,
Valem flores no jardim,
Vale ainda a fidalguia
De se lembrarem de mim.

Os versos de antigamente
Vinham na hora certinha
Em que deles precisávamos;
Agora é esta quadrinha...

A gente antiga dizia,
Com toda sinceridade,
Que iria chegar, um dia,
De plena felicidade.

Este povo de hoje em dia
Só deseja usufruir,
Pensando no dia em pauta,
Esquecido do porvir.

Não deixe, bom amiguinho,
A preguiça interferir,
Pois aí é que sabemos
Não estará Wladimir.

O verso ditado acima
Não tem significação:
É que estamos só treinando
P'ra cumprir nossa missão.

Vale muito a persistência
P'ra quem deseja vencer;
É como estamos agora

Vendo esta trova crescer.

Quando o assunto comparece,
É fácil de organizar,
Pois a rima chega em breve,
Debaixo do nosso olhar.

Se você se vê perdendo
De todo a satisfação,
Lembre-se que foi quem quis
Esta forma de escansão.

Ritmos, hinos e harmonia
São coisas muito altaneiras,
Que ferem nossos ouvidos,
Quando se mesclam de asneiras.

Que vergonha, caro irmão,
Não produzir coisa alguma
Que possa trazer à alma
Esperança que não suma!

Saímos bem apressados
Daquele engavetamento;
É que nem tudo na vida
Termina em mau sentimento.

Que louco compasso é este
Do qual jamais eu sossego?
É péssima reflexão!
Estou cansado e não nego.

Caridade é sentimento
Que brota no coração,
Toda vez que nos lembramos
Das dores do nosso irmão.

Os versinhos vão tomando

Cores, formas, emoção;
Quanto bom iria ser
Se tivessem perfeição!

As rimas que se apresentam
Nesta forma de operar
São as mais fáceis e simples,
Mas ainda fazem chorar.

Que bom seria se fôssemos
Mas hábeis versejadores;
Após tanto versejar,
Já seríamos doutores.

O que pesa nisto tudo
É o fato de que não temos
Serenidade em fazer
Tudo o que nos prometemos.

Um, dois, três — e ficaremos
Bem no finzinho da folha;
Aí, por certo, estaremos
Pondo na garrafa a rolha.

Mais um dia se passou,
Nesta fase de treinar;
Vou esperar com paciência
Que consiga terminar.

12

EXERCÍCIOS DE COMPLETAR QUADRAS

Nosso amigo diz que tem
Toda a paciência do mundo,
Mas, na hora de mostrar,
[Espera-nos só um segundo.]

Quem dera desenvolver
O que de Deus recebi
Talvez viesse a ficar
[Um reizinho por aqui.]

Este dia está propício
Para tercetos somente,
Frases soltas, sem rimar:
[Problemas para o escrevente...]

Mais um dia que se vai
Sem que esta Terra caísse;
Será sempre desse jeito
[Pois quem diria se visse?]

Vamos orientando o irmão,
Nesta fase de exercícios;
Quem sabe já chega um dia
[Sem que existam sacrifícios.]

Pela manhã, nasce o Sol;
Vem a Lua, noite e dia;
A que horas irá chegar
[*O resplendor da poesia?*]

Parece estarmos perdidos,
Escrevendo estes tercetos,
Mas a verdade é que assim
[*É que estes treinos são feitos.*]

Um ótimo treinamento
Será completar as quadras,
Com bastante inteligência
[*Sendo originais as lavras.*]

Carinhoso, este irmãozinho
Bem prossegue, imperturbável;
Ele sabe, com certeza,
[*Ser o defeito sanável.*]

Até agora nós viemos
Seguros e confiantes,
Será que ainda teremos
[*Força e luz descabrestantes?*]

Pode ser que não compreendam
O que vem acontecendo;
Apesar disso, porém,
[*Os versinhos vão crescendo.*]

Querido irmão escrevente,
Não vá se iludir conosco
Pois estamos tão somente
[*Oferecendo-lhe enrosco.*]

A rima mais coruscante
Para o bom Cristo—Jesus,

Será certamente aquela
[*Que se resplende de*] luz.

Não resistimos, querido,
À tentação de citar
A palavra que entrevemos
Como a mais elementar.

A turma que ora desfila,
Tentando as rimas fixar,
A mesma não é que outrora
Deixou o posto vagar.

Agora, quem somos nós
Não lhe devemos dizer.
Você haverá de passar
Muito tempo sem saber.

Conhecidos como irmãos,
Assim queremos quedar,
Portanto, bom amiguinho,
Nada fique a imaginar.

Outra solução p'ro caso
Encontraremos por certo,
No entanto, será preciso
Que não banque muito esperto.

A jornada de ontem trouxe
Bastante satisfação,
P'ro grupo que começou
A levá-lo pela mão.

O contraste que se viu
Ocorreu entre as equipes,
Pois aquela que saiu
Estava bastante triste.

Que comportamento feio
Este de aqui vir treinar,
Sem ter nada preparado
Para agora apresentar...

Falamos de boca cheia,
Prontos para pespegar
Um pouco de novidade,
[*Sem fugir do verbo amar.*]

Quando alva manhã vier,
Trazendo doce harmonia,
É sinal que alcançaremos
Um alegre fim de dia.

Por que há de ser importante
Ficar a escrever a esmo?
É que é preciso treinar
[*Tendo por norma isso mesmo.*]

Quem me dera eu já pudesse
Prever os termos finais,
Assim podia trazer.
Pelo menos, sons iguais.

Diz mui alegre o escrevente
Que a tal rima só acontece,
Enquanto está bem presente
[*O arcabouço que se tece.*]

Que bela demonstração
Nós vamos proporcionar
A quem, com tanta atenção,
Vem beleza e amor buscar!

Sabemos que pouco temos
Produzido p'ra agradar.
Apesar de tudo, vamos

[Respirando deste ar.]

Realmente, noutro dia,
Não conseguimos falar:
Estaríamos tão frios
[Que achamos melhor calar?]

Já que se agita a memória,
Parece que a coisa vai;
O resultado é bisonho:
Esta poesia não sai...

Queridos amigos meus,
Não fiquem desanimados
Que os processos todos têm
De serem realizados.

Mui raramente os amigos
Que partilham desta mesa
Tiveram algum traquejo
Dessa inspiração acesa.

Caso houver burilamento,
Talvez algumas quadrinhas
Possam ser aproveitadas,
[Com rimas talvez das minhas...]

Queremos dizer com isso
Que nem tudo está perdido;
Por exemplo, o nosso amigo
Parece ter progredido.

Fazendo carinha triste,
Vamos deixar nosso posto,
Pois mais um dia perdido
É para nos dar desgosto.

Entretanto, o nosso irmão

Nos diz que rejubilemos,
Pois de tudo o que sobrou
Algo de bom escrevemos.

Está ele amolecido
De tanto escrever à toa,
Pois até tortos rabiscos
Lhe parecem coisa boa.

Não seja precipitado:
Demonstremos calma, irmão,
Pois qualquer dia teremos
Algo bom no coração.

Não parece que estejamos
A trazer algo do além,
Pois o que fica grafado
Pode bem ser dito *aquém*.

Este pequeno refrão
Vai mostrar bem que entendemos
Que isto tudo que escrevemos
Carece de outra demão.

Passar a limpo é preciso:
Talvez venha a estar aí
O segredo de atender
Este grupo que está aqui.

É bem fraco o desempenho,
Pelo tipo destas rondas:
Parece que o mar sufoca,
Quando não rolam mais ondas.

Perfizemos o total
Que havíamos planejado,
Um dia mais e teremos
Algo p'ra ser cotejado

Co'a produção semanal
Que agora ficou de lado.

Parece que quando entorta
A folha, fica melhor
A poesia que escrevemos:
Veja esse exemplo anterior.

Carinhosamente, vamos
Despedindo-nos do amigo,
Prometendo retornar
De novo para este abrigo.

O nosso querido irmão
Tenta ainda uma outra vez,
Na esperança de encontrar
Quem cá lhe traga altivez.

Sonhando com outro dia,
Em que será mais feliz,
Vamos deixar o irmãozinho,
Cuidando de seu nariz.

Muito estranho iria ser
Se, ao doce correr da pena,
Conseguíssemos escrever
Algo bom, que valha a pena.

Não vamos decepcioná-lo
Deixando de prosseguir,
Mas é o último arremesso.
(*Good bye*, bom Wladimir!)

13

CRESCEM PENAS ÀS ASAS

O médium fica contente,
Quando percebe na folha
Que suas intuições
Não estão presas por rolha.

Rapidamente, escrevemos
O que nos vem à cabeça;
É preciso que assim seja,
P'ra que o médium não se esqueça.

Saindo da confusão,
Vamos pregar no deserto,
P'ra sentir, dentro do peito,
O coração mais aberto.

— *Fica quieto!* — exclama o pai,
Temeroso que o filhinho
Possa, com grosso alarido,
Acordar seu irmãozinho.

Vemos, na quadrinha acima,
Como é que os termos se ajustam;
E, se o assunto for criança,
Os pensamentos não custam.

Procuramos caprichar,
Estando aqui ao seu lado,
Porquanto estamos temendo
Que, por falta de cuidado,
Este impulso vá perdendo
Todo o brilho desejado.

O bom e querido médium
Tenta fazer sua parte,
Porém, nós não propendemos,
Pois não sabemos a arte.

Destarte a rima se agrava,
Em seu mínimo conceito.
É que o arremesso de agora
É o que outrora não foi feito.

Limitamos a informar,
Em alguns versos quebrados,
Não termos capacidade,
P'ra deixar acumulados
Vários conjuntos perfeitos,
Ou simples arremedados.

Que vergonha, meu amigo,
Não ter consideração,
Diante de tanta atenção,
Que se tem para comigo!

Se o custo desta poesia
Se estender semana adentro,
Pode ficar satisfeito:
São cheiro-verde e coentro.

Eis que esta primeira folha
Já se encontra despachada;
Dentro duns poucos instantes,

Outra vai ser alcançada.

São participios tão fáceis,
Tão simples de se encontrar,
Bem assim infinitivos
Que insistem no som em **ar**...

Quanta ilusão pegajosa!
Quanto aspérrimo argumento!
Vamos por hoje encerrando
Este pobre atrevimento.

— *Que desperdício de tempo!* —
Estão pensando os que lerem
Estas folhas que se soltam
Sem nunca se preencherem.

Os arrivistas chegaram,
Estão já na ordem do dia,
Talvez consigam fazer —
Melhor do que nós — poesia.

— *Que pena!* — dirão alguns
Que esperavam encontrar
Algo que fosse valioso
Até para publicar.

Mas a doce expectativa
Frustrou-se perante a rima,
Porque, por mais que insistamos,
Nos falha abaixo ou acima.

Cada personalidade
Tem o seu modo de ser,
Quem sabe, um dia, cheguemos
A alguém esparecer.

Contadas as sete sílabas,

Parece tudo andar bem,
Mas, ao dizer o poema,
Não agradamos ninguém.

Se o fluxo destas ideias
Estiver determinado,
Acho que ainda teremos
Algo muito iluminado.

Por toda simplicidade
Das palavras que vicejam,
É que temos p'ra conosco
Quais os que melhor versejam.

Dentro de poucos minutos,
Este treino encerraremos;
Teremos algum sucesso,
Ou derrota amargaremos?

É esta última a hipótese
Mais certa de acontecer,
Porquanto estamos descrendo
Que consigamos vencer.

Temos ainda três linhas,
Para o término da folha;
Será que iremos fazer
Aparecer outra bolha?

Outra página se abre,
Cá diante de nossas vistas,
Para novos arremessos
De nossos sutis artistas.

Que excelentes sentimentos
São os de que nos valemos,
Pois, de pronto, percebemos
De que lado vão os ventos.

Perícia e assaz persistência
Não faltam ao amiguinho,
Que fica a nos provocar
Para fazermos versinhos.

São quadrinhas bem singelas,
Feitas sem muito temor
De ofender a quem nos tem
Simpatia e muito amor.

Não queremos estender
Por muito tempo esta fase,
Pois nos parece ter tido
Satisfação... ou bem quase.

O bondoso amigo médium
Não quis deixar outra linha
Permanecer intocada,
E completou a quadrinha.

Nós não tratamos desta última,
Mas da que está logo acima;
Atrapalhados ficamos
Para arranjar-lhe uma rima.

Estamos desenvolvendo,
Com muita dificuldade,
Um pouquinho de poesia,
Por excesso de vaidade.

Não vá confundir, irmão,
Este que compareceu
Com alguém bem conhecido,
Amigo ou parente seu.

Sou tão só um bom parceiro,
Com muito boa intenção,

Porque não vou produzir
Algo que receba um *não*.

Publicação, nem pensar;
Trata-se só de exercício,
Por isso, fique tranquilo:
Dê seguimento ao serviço.

Não nos importa se a rima
Não se apresente perfeita,
Por certo, num outro dia,
Teremos a que se ajeita.

A notação dos versinhos
Está ficando sagrada;
Quem sabe, algum dia, ocorra
De surgir algo do nada.

Antigamente, eu dizia
Várias palavras seguidas;
Hoje, distante das vidas,
Não produzo mais poesia.

Estou vendo que este amigo
Vai insistir mais um pouco;
Será que já desconfia
Que de poeta e de louco...

As coisas ficaram pretas:
Não consegui terminar
O que comecei afoito
Dando muito o que pensar.

Agora mesmo acredito
Que haja possibilidade
De se encontrar o caminho
Com maior facilidade.

Basta ir tentando, querido,
Pois na vida é tudo assim;
Até quem era poeta
Disse *mim* e ouviu *capim*...

Temo que tenha exercido
Algo além de meu direito,
Pois o pobre companheiro
Já sentiu, dentro do peito,
Palpitar-lhe o coração:
— *Será que vai ser agora?*
Que pena! Penso que não...

O rádio está musicando
Linda valsa sertaneja:
São *recuerdos* doutros tempos,
De vida mais benfazeja.

De vez em quando, tentamos
Introduzir outros temas,
Para poder discernir
A extensão destes dilemas.

O rascunho está perfeito;
Passar a limpo é outra trela.
Quem sabe, um dia, faremos
Brilhar mais alto esta estrela?!...

Ralha conosco o escrevente;
Exige concentração,
Senão — eis sua ameaça —
Irá deixar-nos na mão.

Brilhante a nossa quadrinha,
Afinal nós acertamos.
A rima estava perfeita:
Eram árvores e ramos...

Hemos hoje extrapolado
Os limites que nos demos.
É que não havia jeito:
Se no barco, puxe os remos.

Raramente conseguimos
Ver nosso verso rimar:
Porquanto é quase impossível,
Sem assunto, versejar.

Adeus, caro companheiro,
Fique na paz de seu lar,
Aceite deste parceiro
Um forte e bom abraçar.

Esta vai ser bem a última
Das estrofes deste dia;
Não se trata de poesia,
Mas de dizer, simplesmente,
Que fiquei muito contente
Co'a produção de alegria.

14

CHORAMINGANDO

*Por todo o sempre é uma frase
Que deve ser aplicada
Somente quando o princípio
Se dá para coisa grada.*

O que não se conseguir
Através de linda prece,
Vai ser difícil chegar:
Outro recurso falece.

O grito que ontem ouvimos
Pareceu incomodar,
Mas a verdade é que todos
Deram de choramingar.

De tudo o que temos dito,
Muito pouco se aproveita,
Porquanto o espírito humano
Muito pouca coisa aceita.

Antes mesmo que disséssemos
Que não estávamos aptos,
Eis que os irmãos socorristas
Não nos viram mentecaptos.

Por certo, o pouco que estamos
Deixando neste papel
Pode até ter algum mérito,
Se bem nos souber a mel.

É perigoso ficar
Preenchendo estes papéis;
Seria melhor deixar
Conduzir-se por cordéis.

O ritmo de nossa frase,
Ao iniciarmos o verso,
Promete ser mui fiel
A tema não controverso.

Antes de qualquer suspeita,
Temos fé cristalizada;
Porém, parece que o amigo
Tem mente desconfiada.

Somos bem capazes de algo
P'ra melhorar a poesia,
Pois parece-nos possível
Terminar com alegria.

Sentimos muito, amiguinho,
Se a nossa rima fenece,
Sempre que desempenhamos
Este roteiro sem prece.

Hoje as coisas estão indo
De modo bem inferior;
Talvez cantemos um hino
P'ra que nos dê fé e amor.

Este ritmo e melodia
Estão bastante apagados;

Quem sabe se esta harmonia
Nos deixa melhor postados...

O mistério deste dia
Já se desfará, esperamos,
Pois se torna insuportável
A vontade destes amos.

— *Que pena!* — dirá o irmão,
Ao perceber, finalmente,
Que ficou a versejar
De modo mui inocente.

Quando surge a boa rima,
A indicar algum progresso,
Logo vem o nosso irmão
A proclamar seu sucesso.

Essa rima a que aludimos
É fácil de realizar-se;
Vai ser como esta daqui,
Pois basta saber postar-se

Que dúvida vou criando
Para este bondoso amigo,
Já que não vai conseguir
Escrever aqui comigo.

Se Jesus vier um dia
Trazer colaboração,
Por certo, vai fenecer
Com tão pequena emoção.

Que triste não ter sossego
Que ajudasse o nosso irmão
A desvendar o segredo
De tanta imaginação.

— *Podem, sim, contar comigo* —,
Diz nosso mestre a sorrir,
Mas, para tanto, é preciso
Ficar sereno e sentir.

Quando as coisas acontecem,
Crê-se que o mundo cresceu;
De alegria se enche o peito:
O coração não morreu!

Os religiosos do mundo
Têm um dever a cumprir;
Precisam dizer a todos:
— *Tenham ouvidos de ouvir!*

Desculpe-me, caro irmão,
Mas é preciso dizer
Que nossos versos de agora
Irão desaparecer.

Antes de tudo, querido,
É preciso respeitar
Esta ideia que enche a mente
E que promete brotar.

Raramente temos tido
Ajustamento total,
Porquanto o *jovem* que escreve
Participa e coisa e tal...

Fique quietinho na sua,
Espere que o povo diga;
Nós não queremos que assuma,
Pois assim ninguém se liga.

Por pouco não avisamos
Que este dia está perdido:
É que o bondoso leitor

É tão só o escrevente adido.

Pão, mel, manteiga e feijão
São quatro pratos do dia,
Mas, se se unirem, darão
Muita dor e muita azia.

Que belos são os chorões
Que se plantam junto às tumbas!
Trazem sentimentos lindos,
Tão perto das catacumbas.

Por isso, prezado amigo,
Tivemos dificuldades:
É que você se perturba
Diante destas claridades.

Não nos vamos esquecer
De que este dia termina;
Bem aí nos dá um soninho,
Nossa cabeça declina.

A noite está com luar,
O céu, coberto de estrelas,
Aí, olhando p'ra cima,
Pensamos: — *Como é bom vê-las!*

Acreditar é preciso
Em que coisa aproveitável
Poderá ser extraída;
Mas isso é pouco provável...

Um belo dia será
Aquele em que, finalmente,
Um espírito dirá:
— *Estou aqui bem presente!*

Não desejando ofender,

Ainda estamos p'ra ver
Algo bom acontecer,
Porquanto o triste exercício
Se estende, como suplício,
Deixando tudo bem chão;
E já está chegando a hora:
Vamos partir sem demora,
Retornando ao bom rincão.

Caros amigos do etéreo,
Vamos falar francamente:
— *Teremos necessidade*
De germinar a semente?

Mas que hora é esta — meu Deus! —
Em que tudo está perdido?
Já não mais temos sossego,
Com este grupo atrevido.

Eu duvido que se chegue
A um resultado qualquer,
Pois me parece que tudo
É *móvel* como a mulher...

Sempre que o amigo dispara,
Enchendo as linhas azuis,
Parece ficar mais fácil
De escrever os nossos *-uis!*

Que grã pobreza, queridos,
Parece até que sou eu
Quem as escreve em seguida
Coisas mais negras que breu...

Todo dia, mais um pouco
É o que lhe temos pedido;
Quem sabe, algum dia, achemos
Quem vai dar-nos seu ouvido.

Se coisa boa fizermos
Que deixe o amigo contente,
Agradeça logo a Deus,
Só depois pense na gente.

15

CANTO DE PARDAL

Neste instante tão gostoso
Em que começo a ditar,
Crê-se que o dia está ganho
Para quem bem sabe amar.

De propósito acendemos
O fogo da intemperança,
Talvez, assim, consigamos
Despertar ternas lembranças.

O verbo *amar*, em si mesmo,
Não tem o menor sentido,
Mas, aplicado às pessoas,
Se houver maior, eu duvido.

Estamos aproximando-nos
Do momento decisivo
Em que o querido confrade
Vai sentir-se bem mais vivo.

Claro está que tal momento
Paira ainda muito longe,
Pois os treinos se repetem,
Como exercícios de monge.

Raramente, um bom poeta
Inicia uma quadrinha,
Sem já saber, de antemão,
Qual a rima que se alinha.

Quase dissemos *galinha*,
P'ra gáudio deste obsessor,
Que teima em desafiar
Todo o vosso grande amor.

Não vá reparar, irmão,
Se estes textos se aniquilam,
Pois o que só pretendemos
É saber se se assimilam.

O dia em que conseguirmos
Finalmente versejar,
Certamente, aí teremos
Lagriminhas a rolar.

Que bom se agora pudéssemos
Deixar as coisas de bem,
Pois só assim saberíamos
O que é que a baiana tem!

De vez em quando o folclore
Surge a nos auxiliar;
Não que este tema se amplie,
Mas faz a quadra acabar.

Outras vezes a gramática
Fica ferida no chão,
Torturada, acabrunhada,
Cheia de desilusão.

Um bom recurso poético
É usar prosopopeias:

Fazer as coisas falarem,
Como se dessem ideias.

Até parece que nós
Seremos quem, finalmente,
Vai ter a chance de, um dia,
Aproveitar o escrevente...

Somos ramos de oliveira,
Ou inocentes pardais,
Se não tivermos coragem,
Não evoluiremos mais.

Por isso, caros parceiros,
Atentem p'ra esta verdade:
Mais vale um pardal na mão,
Que um bando na liberdade.

Conhecemos bem o tipo
Que se pretende ligeiro;
Sabemos que, finalmente,
Vamos desenhá-lo inteiro.

Que quebra de pé de verso!
Que compasso estranho agora!
Teremos algum sossego,
Para trabalhar nesta hora?

Ainda ontem eu fugia
Das responsabilidades;
Agora sou obrigado
A fazer tais caridades.

Como é fácil este traço
Que se põe ao quarto verso!
Se tivéssemos traquejo,
O fim seria diverso.

Perdoe-nos, amiguinho,
Termos estado patetas;
Mas acontece que as rimas
Nem sempre ficam completas.

O bom médium está cansado,
Com sono, co'a mão pesada;
Vamos, então, prometer-lhe
Suspender esta maçada.

Se for nosso amigo crer
Nisto tudo que escrevemos,
Poderá ficar bem certo,
Que jamais o iludiremos.

Tinha parado e voltou,
Sentindo que os versos vinham;
Mas logo descorçoou,
Vendo o valor que não tinham.

Pois agora já é tarde,
Vamos, então, prosseguir,
Dando trabalho ao amigo,
Querido irmão Wladimir.

Parece que o nome do próprio
Não se lhe dá de escrever;
É que, modesto, se vê
A ponto de enrubescer.

Esta linha que adotamos,
P'ra realizar o trabalho,
É método que chamamos
Um eficaz agasalho.

— Terá você sentimentos? —
Pois não nos parece, amigo,
Para não saber que temos

Um conhecimento antigo.

Um artista da palavra
Se aproxima sorridente;
Será que a hora é chegada
De se alegrar o escrevente?

— *Bom dia!* — diz ele atento
P'ra que tudo se registre
Conforme seu sentimento:
É pardal comendo alpiste.

Satisfeito não ficou
Nem poderia ficar:
Tal *-istre* se destacou,
P'ra fraqueza demonstrar.

Agora ficou danando;
Eis que o sangue lhe ferveu:
Está a improvisar uns versos,
Os quais — dá a impressão — não leu.

Enviesado e estendido,
Queda o cadáver no chão;
Tratar-se-á dum amigo,
Ou será mais um irmão?

A derivada que demos
Ficou só na tentativa,
Pois tal experiência havida
Sumiu e não na entendemos.

Bondoso, se viu o Cristo
Diante da maldade alheia;
Como se comportaria,
Vendo agora a casa cheia?

Aves de rapina, um dia,

Quase causaram meu fim;
Porém, não me apavorei,
Pois tinha Jesus por mim.

Que belo soneto ainda
Chegaremos a fazer:
Basta ter muita paciência
E esperar o irmão crescer.

Rapidamente, chegamos
Ao final do treinamento,
Sem sucesso mas enorme,
Levado por pé-de-vento.

Caminhando sem destino,
Eis a nossa fantasia,
Que poderemos querer,
Se era assim que se queria?

Quase estamos perfazendo
Exatamente o contrário.
Não será tal comentário
Que continua correndo?

Nós, finalmente, encontramos
O final do pé da página.
Parece que inda teremos
Outra rima só em *-ágina*.

Não vá se atemorizar
O nosso caro irmãozinho:
Se esta coisa hoje está cinza,
Amanhã em desalinho,
Qualquer dia chegaremos
A voar do nosso ninho.

16

PARA O ESPÍRITO CRESCER

Bom amigo Wladimir,
Não queira saber por que
Esta equipe se apresenta
Mostrando nada querer.

Estamos só convidando
Alguns irmãos deste lado:
— *Se aproximem junto à mesa,
Com o seu ar atilado!...*

Queríamos a surpresa,
Deixando-o boquiaberto,
Mas a verdade é que o dia
Não é, p'ra isso, o mais certo.

Quando há necessidade
De traços e correção,
É sinal mui evidente:
Não acertamos a mão.

Que pena que seja assim,
Pois nosso maior desejo
É ver o amigo contente,
Caridoso e benfazejo.

Querido irmão Wladimir,
Não se acanhe de escrever,
Quem sabe, um dia, depois,
Terá de reconhecer
Que tudo o que fez foi bom
Para o espírito crescer.

Vamos elevar o espírito,
Alçá-lo a Nossa Senhora,
A excelsa mãe de Jesus,
Que nos aconselhe agora.

Em boa hora empreendemos
A iniciativa dos versos,
Pois os amigos do etéreo
Tiveram ganhos diversos.

Não vamos forçar, irmão,
O sentido das palavras:
Pode parecer que o grupo
Não está por trás das lavras.

Até que o dia parece
Querer trazer alegria,
Porque já estamos somando
Dez quadrinhas de poesia.

Até parece desplante
O texto que hoje ditamos;
Mas a verdade é que o dia
Está como desejamos.

Vamos prosseguir um pouco
Tentando rimar uns versos,
Pois o que mais nos assusta
É sentirmo-nos perversos.

Restam-nos algumas linhas
P'ra completar esta folha,
Porém, de novo, enfrentamos
Esta rima que é uma *rolha*.

Eram ditosos os dias:
Nada vínhamos fazer;
Hoje, é tanta correria,
p'ros amigos atender...

Mas que péssimo hábito é este
De ficar escrevendo à toa.
Não era melhor que tivéssemos
Pão-de-ló e muita água boa?

Não fiquemos complicados,
Não sabendo o que dizer,
Pois, se o hábito se muda,
A gente irá descrever.

É preciso, para isso,
Fazer força, dedicar-se,
Pois não há como ir ao Céu,
Sem noss'alma melhorar-se.

Analisando este dia,
Podemos ter a impressão
De que as coisas não vão bem,
Sem nenhuma perfeição.

Mas a esperança é própria
Que fica ao final do dia,
Pois sempre existe emoção,
Ao renovar a harmonia...

Que péssimo estamos sendo,
Causando preocupação:
O nosso irmão, escrevendo

E nós, forçando-lhe a mão.

Também ele é mui teimoso,
Porquanto espera alcançar
O benefício de, um dia,
Um poeta o visitar.

Que tormento não vai ser,
Ao cabo de vários anos,
Procurar estes papéis
E só encontrar desenganos!...

Pois aquilo que estiver
Ao alcance desta mão,
Não iremos prometer,
Mas haverá salvação.

Triste figura fazemos,
Insistindo linha a linha,
Porque vamos preenchendo
Esta mísera quadrinha!

Até que o tema se esgote,
Ou o médium, ou o grupo,
Continuarei insistindo,
Pois, com versos, não me entupo.

Religiosamente é
O meio de aproximar
O bem que vamos fazer,
Junto ao monte, junto ao mar.

Que tormento para o pobre
A quem pegamos a mão:
Parece que vai perder
Toda esta satisfação.

Terá meu irmão vergonha

De mostrar para um amigo
O que muito aproveitou,
Estando a escrever comigo?

Parece que o ritmo certo
De imprimir força ao papel
Será bem este de agora,
Que não tem sabor de mel.

Vamos seguir imprimindo
Tanta força sobre o lápis:
Quem sabe, um dia, cheguemos
A enfrentar o bom Boi Ápis!...

Que vergonha é este escrito!
Se lhe dissermos quem foi...
Pois o que acima se disse
Avacalhou com meu boi.

Se não consigo dizer
Algo com algum proveito,
Que assim me ria a valer,
Como rude negro no eito...

Atividades maiores
Que podiam ajudar
Já não mais se procrastinam,
Pois é hora de fechar.

Com ter apenas três linhas,
Ainda assim escrevemos,
Desenvolvendo quadrinhas,
Pois do espaço nos valem.

É hora da despedida,
Quedemos todos a orar,
P'ra que Deus tenha piedade
E venha nos ajudar.

Parece termos juízo,
Expondo a nossa emoção;
Mas aqui estamos de novo,
Não nos deixem mais na mão!

Se nos ouvirem do além,
Por certo, auxílio teremos:
Não acredite ninguém
Que sozinho quedaremos.

Eis que de mim se aproximam
Irmãos a me socorrer,
Autorizando que diga
Que consolo e amor vou ter.

[Eis que de nós se aproximam
Irmãos a nos socorrerem,
Permitindo que digamos
Que consolo e amor teremos.]

A quadra acima não vale:
Houve precipitação.
Queria dizer um verso,
Outro redigiu o irmão.

De fato aquilo acontece
Quando o ouvido desafina,
Pois o problema da rima
É o maior da nossa sina.

Finalmente, últimos versos
P'ra completar a medida.
Hoje o fracasso foi grande,
Mas bem maior é o da vida!

Ainda bem, meu querido,
Que temos uma outra quadra,

Para demonstrar de vez
Como é que a turma se enquadra.

Você já está bem cansado,
Muito curtido de gripe;
Vamos deixá-lo aos cuidados
Duma outra ótima equipe.

Parece sempre, ao final,
Que estas rimas acontecem.
Pois, então, caro amiguinho,
Não é verdade que crescem
Os valores e os desejos,
Porque nunca são sobejos?!

Precisamos emendar
Tudo o que acima expusemos,
Para podermos dar ar
De que algum mérito temos.

17

NERVOS DE AÇO

Formosa mãe de Jesus,
Imaculada Maria,
Inunde-nos vossa luz,
Despertai-nos para o dia.

Feita a nossa invocação,
Simplesinha e generosa,
Aguardemos com paciência
O perfume duma rosa.

Cansados de exp'rimentar
Escrever sem competência,
Os irmãos da nossa turma
Chamaram-nos com urgência.

Mas nos parece que o irmão
Que apanha o nosso ditado
Não progride muito rápido,
Pois sempre está preocupado.

Se a poesia que fazemos
Parece-lhe vagarosa,
A verdade é que esta pena
Se acelera, esplendorosa.

Este nosso treinamento
Difere dos anteriores.
É que a mão segue mais rápida
As vibrações dos mentores.

Nem tanto à terra, querido,
Nem ao mar devemos ir,
Se quisermos contemplar
Todo o esplendor do porvir.

Imagine, bom rapaz,
Que seja chegada a hora:
Irá o coração ter paz,
Ao resplender bela aurora?

Simplesmente surpreendente
É tal escrita espontânea:
Como se a frota seguisse,
No mar, a nau capitânia.

Nos gritos de “Terra à vista!”,
Parece o médium entender
Que dizemos que é chegado
O instante de espairecer.

Não vamos titubear,
Fraquejando nossa mão:
Alonguemos nossa vista,
Firmemos nosso timão.

Se, em cima de bicicleta,
A visão irá mudar,
De qualquer forma, entretanto,
O guidão vamos firmar.

Cada minuto que passa,
Vai ficando bem mais perto

O dia em que nos veremos
Libertos deste deserto.

Que bom será conviver
Com muitos seres iguais
E poder bradar aos céus:
— *Erros e vícios: jamais!*

Que tristonho é o desespero
Da vontade de partir;
Tanto que o pranto de agora
Quase nos faz desistir.

Cansado da longa lida,
Nosso irmão segue escrevendo:
Definha-se a sua vida,
O futuro vai crescendo.

Não titubeie, rapaz,
Fique firme no timão:
É preciso compreender
A arte da navegação.

Com os olhos a brilhar
Fica o gentil escrevente:
Interrompe o seu cismar,
E dá valor a esta gente.

Rápidos em seus corcéis
Galopam os cavaleiros:
Vão à procura da Glória,
Com seus olhos feiticeiros.

Frágeis, os últimos versos,
Como um texto de criança;
Mas se forem melhorando,
Encher-nos-ão de esperança!

Floresce o arbusto na terra,
Cresce, no irmão, triste dor,
Será que todos, um dia,
Conseguirão mais amor?

Estamos bem na metade
Da tarefa deste dia,
Parece que vamos indo,
Ouvindo suave harmonia.

Querido diário meu,
Que me reserva para hoje:
Teremos um dia belo,
Ou um desejo que foge?

— *Calamita calamitatis!* —
Diziam antigos latinos,
Ao perceberem que os trabalhos
Não perfaziam seus destinos.

Recuso-me a prosseguir,
Escrevendo coisa à-toa;
Quando vai chegar a hora
De apanhar poesia boa?

Raramente se consegue
Convencer quem tem talento,
A perder seu rico tempo,
Com aquele que está lento.

Nossa brincadeira acima
Deixou nosso irmão nervoso,
Pois, apesar de ter rima,
Esse verso é indecoroso.

Se o bom médium observar
Os temas desenvolvidos,
Verá que, no dia de hoje,

Algo está sendo servido.

É certa sua atitude
De enfrentamento da dor,
Pois de tudo brotará
A flor da paz e do amor.

Cinco por cento de tudo
Talvez mereça atenção,
Mas não fique iluminado,
Criando certa ilusão:
As quadras são muito pobres,
Os sextetos, fracassão.

Ao resplender no horizonte,
E clarear a escuridão,
O Sol nos dá seu sinal:
Outro dia de emoção.

Capitulamos, enfim,
Arcados pelo cansaço
Que abate nosso irmãozinho,
Porque não tem nervos de aço.

É bem raro que se encontre
Quem tenha tanta vontade
De acertar o metro exato,
Em pura felicidade.

Quem me dera fosse fácil
Escrever versos seguidos;
Estas quadras, eu percebo,
São reflexos já vividos.

— *Vai, querido, descansar* —
Diz a mãe a seu filhinho,
Pois é triste imaginar
Que esteja ele doentinho.

Que doce frase formosa!
Que belo estilo francês!
Será que desta vez vamos,
Ou não será desta vez?!

Aos pouquinhos, preenchamos
As laudas que se dispõem
À nossa frente, infindáveis,
P'ros trabalhos que se põem.

Habitados estamos
A redigir em poesia;
Com a métrica contada,
É bem de maior valia.

Os impulsos iniciais
Quase sempre estamos dando,
Mas a rima que se espera
Estamos aí falhando.

Deixando na mão do amigo
Que nos escreve o ditado,
O que não estiver certo
Logo será remendado.

Afinal, aqui chegamos,
Junto às três linhas finais,
E não adianta dizer:
— *Hoje estou querendo mais...*

O bom médium pensa agora
O que mais vai escrever
Para tormento da vida,
Para a esperança perder...

Tem ele grave suspeita
De que muito do que escreve

Lhe brota espontaneamente:
Não faz papel de almocreve.

Pois queremos encerrar
Dizendo, com segurança,
Que jamais se desespere,
Que sempre tenha esperança!

Parece que o dia foi
Um pouco mais produtivo;
É que o grupo se propôs
A trabalhar mais ativo.

Restando um pouco de fôlego,
Inda nos resta dizer
Que voltamos outro dia
Para poesia escrever.

Portanto, caro irmãozinho,
Serene seu coração,
Abra os braços aos amigos,
Estenda-nos sua mão.

18

MISCELÂNEA

Quando o Mestre abençoava
Os que pediam as curas,
Vinham os anjos do céu
Soar as canções mais puras.

Que belos foram os dias
De tal peregrinação:
Jesus orando co'amor,
Pensando na multidão!

Os apóstolos temiam
Pela própria segurança;
Mas Jesus volvia aos céus
Olhos cheios de esperança.

Certo dia, um bom menino
Quis nos braços se jogar.
Jesus o aparou sorrindo:
Bem a tempo de o salvar.

Maria, virgem puríssima,
Coração imaculado,
Mantinha sério receio,
Por senti-lo atraído.

As hostes romanas vinham

De longe, trazendo a dor,
Mas os doutores do templo
Eram desgraça pior.

Dentre os amigos do peito,
Discípulos escolhidos,
Um só deixou de estimá-lo,
Tendo vícios escondidos.

Soldados jogaram dados,
Sobre a manta mais sagrada;
Estava escrito de há muito:
A sorte estava lançada.

Mui raramente se via
Jesus andando sozinho:
Ou trazia algum apóstolo,
Ou algum pequenininho.

Mui caro irmão escrevente,
Tendo gostado do tema,
Prossiga sempre escrevendo:
Este há de ser o seu lema.

Caminhando, certa vez,
Um samaritano o achou;
Trazia muito dinheiro,
Que de Jesus ocultou.

Tinha medo de sofrer
Bastante séria advertência,
Pois não tinha a que se ater:
Era pobre de experiência.

Jesus o chamou às falas,
Impôs verdade total;
Agora o nosso andarilho
Luta ainda contra o mal.

Penetras estão presentes,
Querendo participar;
Será que têm algo bom
Que possam apresentar?

Eis aqui uma quadrinha
De um dos jovens dessa turma;
Muito acanhado, fugiu:
Em que caverna se enfurna?

Boa linguagem poética
Exige dedicação,
Porque não é coisa à-toa:
Vai fundo no coração.

Vamos ficar satisfeitos,
Quando encontrarmos alguém
Que tenha facilidade,
Já que esta turma não tem.

Quanto gostoso é escrever
Sem ter compromisso certo,
Sem ter quem nos venha ver
O resultado de perto.

Os versos de sete sílabas
São mui fáceis de fazer;
Entretanto, algo apresentam
Que nos faz estremecer:
Trata-se desta harmonia
Que as rimas fazem nascer.

São versos mui perigosos,
Pois brotam mui facilmente;
Por certo, com perspicácia,
Vão enredando esta gente.

Os que chegaram depois
Procuraram escrever,
Usando muita saliva,
P'ra este amigo convencer.

Entretanto, cá estaremos
Pelejando como anão,
Que, p'ra galgar as alturas,
Fica mais longe do chão.

A bela quadra anterior
Trouxe-nos outro elemento:
É a tal figura poética —
Metáfora — atrevimento.

Não sabemos por que estamos
Hoje tão preocupados:
Talvez seja que estejamos
Com tantos seres ao lado.

— *Que furo n'água!* — diria
Quem, de repente, se visse
Aqui diante da gente:
Era o disse que não disse...

A nossa chance vale ouro,
Para quem não tem sossego:
Além de se ver aceso,
Vai conseguir bom emprego.

Mais um dia que se passa
Sem que tenhamos sucesso;
Se nossa turma fracassa,
Nosso médium tem progresso...

Que gélida recepção
Eu tive aqui noutra dia:
Pensava vir escrever,

Fiquei em banho-maria!

Conheci uma velhinha,
Doceira de fazer gosto;
Outro dia faleceu:
Mudou-se para outro posto.

Chegando aqui, prometeu
Que adoçaria o Senhor,
Entretanto, se esqueceu
Que isso se faz com amor.

Precisará, uma outra vez,
Volver ao plano terreno:
Vai aprender a fazer
O bom pão doce fraterno.

Quem sabe, chegando o dia
Da vinda do presidente
Da entidade dos poetas,
Já encontre o médium assente.

Que belos foram os dias
Em que passei sobre a Terra;
Mereci grande fortuna:
Quem tem Jesus jamais erra.

Já é hora de crescer
Em virtudes, caro irmão;
Não vá deixar toda a turma
Ficar de chapéu na mão.

É bem raro de se ver
Um esquema semelhante
Desse que o irmão escrevente
Coloca de nós diante.

Promete cumprir, fiel,

Tudo aquilo que acertou.
Haverá de passar mel,
P'ra não negar que apanhou.

Escrevamos mais um pouco,
Até preencher o papel,
Já que estamos bem felizes:
Fica o dedo — vai-se o anel.

Por pouco não rabiscávamos
Um longo traço na linha,
Colocando, ao final dela,
Só um **-el** de pouca linha.

— Linha *com* linha, dirão,
É falta de inspiração! —
Certamente, assim será,
Mas não nos preocupa, não.

Quem tem recursos mui ricos
Sabe sair-se de tudo,
Até para arrumar rima:
Mas, todavia, contudo...

Não ficaria contente
O caro amigo escrevente
Com apenas uma quadra
Brilhante como o poente?

Mas escrever é preciso,
Para dar prosseguimento
Ao treino de todo dia,
Em bom desenvolvimento.

Aqui estaremos de novo,
P'ra confirmar o ditado,
Segundo o qual é falado:
Muita galinha sem ovo.

19

CONTE COMIGO

A ajuda que recebemos
De todo, sempre foi útil,
Mas nada do que dizemos
Deixa de ser muito fútil.

É bem esse o real caráter
De qualquer bom exercício,
Pois favorece o encarnado:
Não compromete o serviço.

O que estamos observando
É que, quando a rima falha,
O médium se perde um pouco:
Quase sempre se atrapalha.

É que o tom desta conversa
Tem de manter-se elevado,
Já que, com simples balelas,
Fica o médium preocupado.

Não é fácil estender-nos
A respeito deste assunto:
É como ao vegetariano
Oferecer-se presunto.

Caducamos, porcamente,
Oferecendo assistência,
Mas estamos mui eufóricos,
Com tão seleta audiência.

Os versos de agora vão
Preenchendo já estas folhas
De forma muito feliz:
Não estouram como bolhas.

Não fizemos de propósito
Buscar a rima infeliz:
Já sabemos que, com *folha*,
Só se intrometeu quem quis.

De novo, palermas somos,
A oferecer ao irmão
Uma rima mui difícil,
Que não lhe dá condição
P'ra perceber claramente
Quem o leva pela mão.

Entretanto, quando a rima
Termina em **-ão**, como acima,
Aí os trejeitos se ajeitam,
Nosso ânimo se inclina,
Como sinal de harmonia,
Pois já parece poesia.

Se as formas destes meus versos
Parecem inda grosseiras,
Vocês não sabem sequer
O que são totais asneiras...

Parece que o dia vai
Ficando bem parecido
Com todos os anteriores

Que proveitosos têm sido.

Hoje o trato está mantido:
Os versos apareceram;
Já nem tudo está perdido:
As rosas não feneceram...

Às vezes, o médium sente
Que fica escrevendo à toa,
Pois não está conhecendo
Como é que o verso ressoa.

Mais tarde o bom companheiro
Poderá surpreender-se,
Ao tomar conhecimento
Disto que está a transcrever-se.

Bom dia há de ser aquele
Em que este amigo, por fim,
Estiver compenetrado
De que a luta é boa assim.

Desespero não é virtude,
Ciúmes são coisas mui feias;
É preciso estimular
As qualidades alheias.

Raramente alcançaremos
Alguma quadra perfeita,
Se prosseguirmos fazendo
Com a mente tão estreita.

Vamos ter que amplificar
A nossa visão da vida,
Se quisermos rutilar
Em quadra desenvolvida.

O nosso dia ficou

Bem parecido co'os outros,
Mas a verdade é que eu sou
A Maria-a-ir-co'os-outros.

Este anseio de acertar
Parece vir de improviso,
Mas, na verdade, ele está
Bem impregnado no siso.

Andaimes são bons suportes
P'ra quem está construindo;
Estes treinamentos são
Os em que vamos subindo.

Se for possível, um dia,
Dedicar-se à correção,
Quem sabe de algum proveito
Há de ser a redação?!

O que achamos esquisito,
Dentre todos os rompantes,
É sabermos que os mosquitos
Se deslocam só como antes.

Não tem pé nem tem cabeça
A quadra acima postada:
Muitas vezes este influxo
Deixa a cabeça arretada.

Procura o bom companheiro
Acertar o ritmo ao verso,
Pensando que algo padece
De arrançamento diverso.

Que linda sorte a que temos,
Pois vemos o fim das linhas;
Após esta, só mais uma,
E estão feitas as quadrinhas!

Vemos agora que tínhamos
Esquecido que este treino
Dura por mais uma folha:
Recolhamo-nos ao reino.

Parcialmente defendidos,
Somos pelo nosso irmão,
Que se não quer derrotar,
Com grande desilusão.

Tal onda de fazer versos
Pode estender-se por anos,
Até que nós encontremos
Quem não nos vá deixar danos.

Toda vez que, antigamente,
Chegávamos a escrever
Uma página bem cheia,
Tínhamos de arrefecer.

Não desanime, rapaz,
Permaneça atento à escrita,
Pois estamos terminando
Mais esta nossa visita.

O dia não foi perdido,
Já que muito conseguimos
Treinar: as nossas quadrinhas,
Co'estímulo, prosseguimos.

A vida inteira estará
Bem posta à disposição,
Isto é que vemos lá dentro,
No fundo do coração.

Pensei que o treino valia
Muitas horas de emoção:

O que não traz alegria
Só deixa preocupação.

Bem sei que todas as letras
Que esparramamos só formam
Grande salada de língua
Que umas expressões adornam.

Não fume, não beba, não...
São avisos que detesto:
Pois, se fumo ou bebo, eu acho
Que realmente não presto.

Quem haverá de ocupar-se
Em revisar a poesia,
Bem agora que aprendemos
A escrever com fantasia?...

Trepado em cima da mesa,
Produzi forte ribombo;
Foi quando perdi o equilíbrio,
Levando tremendo tombo.

Se aqui dou trela aos boçais,
Vão dizer que sou calhorda;
Se não dou, vão pensar mais:
Que me têm em sua horda.

Parece que o dia foi
Grandemente proveitoso,
Pois, ao chegarmos ao fim,
Estamos cheios de gozo.

Não vamos arrefecer
O ânimo de poetar,
Pois tudo chega ao seu fim:
Basta ficar a esperar...

Nas noites enluaradas,
Ouço bardos a tocar
As endechas doutras eras:
Felicidades no ar.

“Este dia está perdido”,
Não era assim que pensava
O bom escrevinhador
Que muita atenção nos dava?

Agora, sim, finalmente,
Ampliamos a escritura,
São versos que, simplesmente,
Vão tendo melhor feitura.

O que lhe mais impressiona,
Ao bom amigo escrevente,
É a rapidez desta pena,
A dizer: — *Estou presente!*

Não quero me despedir,
Sem dizer ao bom amigo,
Ao querido Wladimir
Que pode contar comigo.

20

JESUS E A FORMIGA

Pedimos ao bom irmão
Que não queira, neste dia,
Preencher as três folhinhas:
Só vai me dar alegria.

Este nosso atrevimento
Tem uma razão de ser:
É que o nosso horário de hoje
Atenção vai merecer.

Sabemos dos compromissos
P'ra este dia e p'ra amanhã;
Portanto, não fique aflito,
Parecendo com a terçã.

Apesar de poucos versos,
Nos fizemos entender,
Vamos, pois, mudar de rumo,
Para o exercício crescer.

A habilidade poética
Já começa a florescer,
Embora tão só estejamos
Poetando p'ra saber

Donde podemos tirar
Isso que vamos dizer.

É muito rico este solo,
Dá milho, arroz e feijão;
Produz também certa rima
De pouca conceituação...

Que carícia para o ouvido
Ter a voz aveludada,
É mesmo assim, caro amigo,
Que vencemos a parada.

Se podemos encontrar
Espíritos mui famosos,
Também iremos cantar
Feitos bem esplendorosos:
Comecemos por Jesus,
Cuja vida nos seduz.

O bom Mestre, certo dia,
Viu minúscula formiga,
Conduzindo grande folha.
— Este conto é à moda antiga.

Ele disse ao bom bichinho:
— *Que fazes sob tal sol?*
— *Conduzo o nosso alimento,*
Em lugar do futebol.

— *Mas não é mais divertido*
Assistir televisão?
— *Certamente, bom amigo;*
Mas depois da refeição.

Assim, Jesus confirmou
O que sempre suspeitara:
Vão os bichos ensinando;

Isto não é coisa rara.

Já chega, bom amiguinho;
Deixe o resto p'ra depois:
Deus não criou este mundo
Em um dia, nem em dois...

O meu primo José Bento
Era amigo da folia,
De tanto andar ao relento
Morreu de pneumonia...

21

BANHO DE ÁGUA FRIA

O bom amigo Formiga
Ontem esteve presente,
Deixando muita alegria
No coração desta gente.

Se nosso caro irmão médium
Prestar bastante atenção,
Vai perceber que um bom passo
Foi dado na direção
Disto tudo se arranjar
Por poética noção.

É evidente que não temos
A mesma desenvoltura,
Porém, se o braço ceder
Dominamos a estrutura.

O verso de sete sílabas
É mais fácil de rimar;
Dificuldade maior
Estará em concatenar
As palavras que enunciam
O tema de que falar.

— *Pipocas e quentão* — diz
Uma ingênua cançoneta;
Agora mais do que nunca
Essa rima está careta,
Entretanto, todos gostam
Quando alguém se faz poeta.

Por favor, não pare, amigo,
Continue esta escritura:
Dê nova oportunidade
A quem vem da sepultura.

Não ficou perfeita a quadra:
Em seguida, vou a outra;
Se esta também nada tem,
Que tal partir para estoutra?!

Arquivaremos os versos
Das tentativas frustradas,
Pois não há de querer vê-las
Todas assim publicadas.

O irmão escrevente espera
Que o ritmo surja sozinho,
Pois está certo o pedido,
Desde que tenha padrinho.

Como meu titio queria,
Eis-me aqui tentando a sorte:
Não fui poeta na vida,
Quiçá seja após a morte!...

Não duvide, caro amigo,
Desta gente que, feliz,
Vem demonstrar, claramente,
Saber sustar o nariz.

Há velhas canções e modinhas

Que fizeram grande sucesso:
Deram no peito das mocinhas,
Deixaram os velhos perplexos.

Não se importe, meu querido,
Se, por vezes, não dá certo:
É que o verso que não rima
Muitas vezes está perto.

Que forçada, caro jovem,
Que ritmo assaz estragado;
Vamos tentar outra vez,
Vamos lá, *seu* felizardo!

De novo, nós estragamos
Início tão promissor,
Por não sabermos rimar
Poesia com muito amor.

O quarteto logo acima
Não desdoura deste grupo:
A partir daquela rima,
O cano da veia entupo.

Poeta, para ser bom,
Há que ter muito talento;
Este que lhes fala agora,
Em seu máximo, está lento.

Vamos tentar outra vez
Escrever algo que preste;
Mas, p'ra azar deste judeu,
O vento veio do leste.

Isso que acima escrevi
Está tolo e sem sentido;
Certo, na próxima vez,
Serei melhor sucedido.

Eis aqui, meu bom amigo,
Finalmente a rima rica;
Não que seja uma beleza
Mas é o que melhor me fica.

— *Palhaçada!* —, pensará
Algum ilustre escrevente,
Lendo o que acima ficou
Como lição desta gente.

Organizemos a vida,
Deixemos de ser boçais:
Quem sabe progrediremos
Imitando os animais...

Total falta de interesse
Por rimar com perfeição.;
Veja que coisa *fajuta*
Rima que termina em **-ão!**...

Existe gente mais séria,
Querendo participar;
Mas a vez é minha agora,
Pois também quero rimar.

A sorte do bom amigo
Que nos apanha este verso
É que a tudo dá vazão:
Nada vê de controverso.

Vendo que tudo vai bem,
Ficamos todos felizes;
Mas é bom não se enganar
Onde se põem os narizes.

Dia a dia, fica mais
Difícil de solfejar:

Um dia, pega no *dó*,
Noutro, se falseia o *fá*.

Corremos grandes perigos,
Escrevendo assim à toa,
Pois jamais ocorrerá
Qualquer coisa muito boa.

É preciso ter paciência,
Amor e perseverança,
Pois, doutro modo será,
Somente desesperança.

Caso o amigo me permita
Ferir-lhe a corda ao orgulho;
Vê se vai plantar batatas,
Porquanto isto tudo é engulho.

O dia não é propício
Para estas rimas do além:
O pessoal aqui em cima
Desse talento está sem.

Caprichoso, o bom João
Desejava progredir,
Mas não calculou direito,
Pois se pôs logo a dormir,
Justamente no momento
Em que devia servir.

Eis aí o que queremos
Que o bom do amigo nos faça,
Pois assim se escreve o verso
Completamente sem jaça.

Rascunhos são simplesmente
Estas pobres quadras frias,
Mais tarde transmitiremos

Novas rimas, mais vazias,
Para um dia, finalmente,
Subir de categorias.

Vamos, por hoje, encerrar
Modesta parte na escrita,
Pois ir bem mais além disto
Enfraquece, dói, irrita.

Nada do que hoje fizemos
Irá ter qualquer valor,
Mas vale p'ra demonstrar
Que lhe temos fundo amor.

Um dia, somos felizes,
Noutro, temos agonia,
Na vida etérea, entretanto,
Rezamos com harmonia
Solicitando agasalho
E muita sabedoria.

Quando fazemos quadrinhas,
Ficamos muito contentes,
Mas o que mais nos alegra
É ver que destes batentes
Estão saindo sextilhas
Bem mais ainda excelentes.

Um ouro velho e de lei
É o que queremos um dia;
Por ora, vamos, somente,
[Tomar banho de água fria.]

José Bento só inventava
Tristes histórias de guerra;
Um dia partiu correndo,
Envergonhado, da Terra.

Sarampo é doença às antigas,
AIDS é coisa moderna;
Se não tomarmos cuidado,
Morreremos na caverna,
Com simples machucadura:
Uma torcida de perna...

22

SEM GRILLO

O estudo dos *Evangelhos*
Nos traz mérito maior:
Mostra a todos da família
Onde está o vero amor.

Estudar os *Evangelhos*
Dá dignidade à família,
Unindo os pais com os filhos:
Vamos seguir essa trilha.

Vamos dar aos *Evangelhos*
Primazia em nosso lar:
É mui certo que estaremos
Reforçando o verbo *amar*.

Caros amigos espíritas,
Irmãos, prestai atenção:
No evangelho de Jesus,
Encontrareis salvação.

Estudar os *Evangelhos*
Demonstra sabedoria:
Une pais, irmãos, avós,
Sogros, cunhados, num dia.

É raramente encontrado
Pobre lar sem união,
Quando se estuda o evangelho,
Buscando compreensão.

Muitas vezes, somos sós,
Sem ninguém com quem falar;
Apanhemos nosso livro:
Eis o *Evangelho no Lar*.

Cabe-nos reconhecer
Que o tema é muito bonito,
Por isso vamos dar largas,
Para não deixá-lo aflito.

— *A morte chegou primeiro* —,
Haveremos de dizer,
Quando quem morre deixou
De o evangelho bendizer.

Queridíssimos irmãos,
Eis a voz da experiência:
Muitos sofrimentos vão
Repelirão co'eficiência,
Se estiverem prevenidos
(Seguro morreu de velho!)
Lendo os tópicos vividos
Do nosso bom ***Evangelho***.

Não vamos dar seguimento,
Pois nos falece a razão:
É preferível parar,
P'ra fazer uma oração.

Que se passa lá no céu,
Quando chega um novo irmão
Que tenha ocupado o tempo

Com o *Evangelho* na mão?

Por certo será levado
Para lugares sublimes,
Pois a virtude estremece
Só quem praticou seus crimes.

Que bonitinha ficou
Finalmente uma quadrinha;
Será que deveras vou
Permanecer nessa linha?

Aja bem serenamente,
Caro amigo Wladimir.
Não veja nada bonito
Que não se possa exprimir
De modo mui natural:
Depois de agora, é o porvir.

Raramente conseguimos
Vencer o cerco maciço
Que nosso bom escrevente
Nos põe como compromisso.

Se você não entendeu
O que a quadra acima expressa,
Não vá afobar-se, irmãozinho,
O tempo vai explicar essa.

Aproveitemos a deixa
Para afirmar, peremptórios,
Que o dia está favorável
Para estes gratos casórios...

Terminaremos a página,
Eufórico e mui contente,
Pois conseguimos vencer
Os temores desta gente.

Radiosos panoramas
Vão se abrir perante de nós:
Quem sabe, um dia, haveremos
De ouvir de Jesus a voz.

Estamos abrindo a boca,
Sonolentos e cansados;
Será que ainda aguentamos
Permanecer acordados?

Como é fácil de escrever
Os três primeiros versinhos;
O duro é deixar perfeitos
Os quartos, bem redondinhos.

O dia de hoje vem sendo
De muito aproveitamento.
Depois que nós terminarmos,
Vai haver outro elemento
Que assumirá esta cadeira,
Com muito discernimento.

O sofrimento promete,
Algum dia, compensar,
Ainda mais se fizermos
Nosso ***Evangelho no Lar.***

Cada qual sabe da vida
Que tem levado a gozar,
Contudo, será preciso
Os atos analisar,
Para saber, finalmente,
Aonde iremos parar,
Quando chegar nosso dia
De p'ra este lado passar...

Finalmente, agora estamos

O seu punho liberando,
Pois sua mente está fria,
Adormecida, pulsando.

Cada vez que terminamos
Mais uma quadra daninha,
Ficamos muito enfezado,
Já com cara de fuinha.

Ao chegar aquele dia
De reescrever as quadrinhas,
Queremos estar presentes,
Portando nossas modinhas.

*Como são belos os dias
Do despontar da inocência,
Contudo, todos esperam
Que chegue a bela experiência...*

Antes fomos, no passado,
Pensando ter ideal,
Como se fora sagrado
Deixar que aumentasse o mal.

Hoje, somos vigilantes,
Não permitindo crescer
Todo mal que nos espante
E que nos faça sofrer.

O ritmo destas quadrinhas
Vai crescendo, finalmente,
Até que todas as linhas,
Com muito amor, se apresentem.

O nosso bom amiguinho
Que nos escreve estas lendas
Já desconfiou que agora
Tudo vá para as calendas...

Tormentas são pueris,
Quando se tem muito amor
Por Jesus, o nosso mestre,
E por Deus, o Criador!

Sabemos que o tempo esvai;
A folha já está no fim;
Mas a verdade é que agora
Tremo em me ver mal assim...

Como são fracas as mentes
Que, no vácuo, se debatem,
Pois, quando chega o momento
Do perigo, não combatem.

É preciso suspeitar
Que não vai bem o poeta,
Pois, de tudo o que escreveu
Não sobrou nenhuma petá.

Valha-nos Deus, bom amigo,
Para ajudar a fazer
Uma quadrinha que seja,
Para nos satisfazer.

Ouçá, meu querido irmão,
Fique bastante tranquilo,
Pois a nossa salvação
É não termos nenhum *grilo*.

Eis que chegamos ao fim
De mais um dia perfeito:
O treino nos ajudou
A manter bem forte o jeito...

Caprichamos neste instante,
Mui cientes do desempenho,

Mas nada vamos fazer
Sem agir com muito empenho.

As rimas que se acumulam
Vão sendo reproduzidas
Como se não estivéssemos
Tão cheios em nossas vidas
De tarefas que devemos,
Finalmente, ver cumpridas.

Afinemos, caro irmão,
A fim de que haja harmonia:
A guitarra, o violão,
O fagote e a cantoria.

Que coisa feia, querido,
Ficar escrevendo à toa:
O tempo é muito precioso
Para alguma coisa boa...

O nosso tormento de hoje
Finalmente teve fim;
É preciso compreender
Que todos gostam de mim...

23

ATREVIMENTOS

Prepara-se o nosso amigo
A novos atrevimentos,
Mas seu espírito está
Em outros departamentos.

Se lhe dissermos, contudo,
Que o dia será batuta,
Cremos que dispensará,
Qualquer que seja a outra luta.

Mui raramente, acontece
De nosso verso brotar
Em jorros de grande força
Vindos de todo lugar.

Querido amigo escrevente,
Não desligue nem invente:
Você não está sozinho,
Mas não será diferente.

Resguarda-se o dia de hoje
Para estes bons quefazeres:
Existe forte atração
P'ra nos tomar os dizeres.

Salientamos bastante
Que não temos pretensões;
Por isso, bom amiguinho,
Pare com as ilusões!

Os versos que lhe ditamos
Servem só de experimentos;
Dia virá, certamente,
Que trará novos acentos.

Notamos sua vontade,
Mas não se prenda por nós;
Veja com que lealdade
Damos a ouvir nossa voz.

— *Quimeras!* — exclamarão,
Os que não botarem fé,
Entretanto, o bom amigo
Percebe que assim não é.

Se estivermos preparados,
Vamos trazer, com certeza,
Quem, com melhores cuidados,
Nos atenda nesta mesa.

Que bons serão esses dias
Em que a pena voará
Por sobre as linhas pautadas,
A dizer: — *Méritos há!*

Eu não arrisco prognósticos,
Não sei fazer previsões,
Se continuar assim,
Bailaremos nos salões.

Quanto mais tento escrever,
Facilidades consigo;

Não é assim que se passa
Quando se trata do amigo?

Que bom que agora cheguei
Bem rapidamente ao fim;
Sendo assim, vou indo embora:
Ninguém precisa de mim.

Nós não queremos que o amigo
Tenha de sentir remorsos
Por deixar este seu posto:
Sabemos de seus esforços.

Temos pouca habilidade,
Inspiração — um nadinha —,
Contudo, nos atrevemos
A escrever sobre esta linha...

24

TESTES MÉTRICOS

Estando enfermo, na cama,
Nosso bom homem sofria,
Mantinha a boca calada,
E a sorte não maldizia.

Eis atitude mui digna
Do mais completo respeito;
Sejamos, assim, discreto,
Sem nos ofegar o peito.

Se Jesus desejasse curar
Toda a gente que lhe procurava,
Não teria deixado passar
Multidão que até agora se entrava.

Risonhos os nossos dias,
Cheios de intensa alegria:
Portamos no coração
O sorriso de Maria.

Que belos são os cristãos
Que vão, na paz das igrejas,
Elevar preces a Deus
Em contrições benfazejas.

Ampliamos os versinhos,

Pois é hora de testar
Se assuntos dignos de fé
Se ajustam neste rimar.

Interessa o trabalho prolongar,
Pois haveremos todos de saber
Quais são as principais dificuldades
Que teremos, enfim, de resolver.

Parece o dia perdido:
As quadras não se completam,
O compasso foge à métrica
E estas rimas se marretam.

Teimosos, prosseguiremos
Ofertando os nossos préstimos,
Já que temos a certeza
De que só serão empréstimos.

Prosseguem os exercícios,
Os versos se vão marcando;
O ânimo deste escrevente
Vai-se, aos poucos, esgotando.

Deveras, o dia está
Prometendo uma derrota,
Mas não é com tal desânimo
Que mudaremos *de rota*.

Que sinos são os que tangem?
São sirenas as que gritam?
São portas essas que rangem?
São seres esses que agitam?

Definitivamente, querido,
Vamos ter de parar por aqui,
Pois o dia está hoje fragílimo,
Imperfeito p'ra mim e p'ra ti.

Nada que faço apresenta
Coisa digna de atenção,
Mas é preciso vencer
Qualquer maldosa emoção.

Cá estou para conhecer
O labor desta alma amiga,
Que apanhou, com singeleza,
Os ditados do Formiga.

Bem, é preciso dizer
Que não vou aguardar mais,
Porém, que estou à vontade
Para os temas principais.

O dia está bem obscuro,
Mas é certo que procuro
Agradar os meus irmãos;
Demonstrando bem-querer,
Pronto para receber
Mui útil admoestação.

Veja que belos dizeres
Consegui deixar escritos,
Não parecem mui prosaicos,
Caso contrário, estão fritos.

Gritos, atritos, aflitos e escritos
São as rimas que consigo entrever,
Mas se procurar ou ritos ou mitos
Ainda outros termos hei de escolher.

Caramba, que bela *confusa*
Foi esta em que fui me meter;
Não sei mais como saia desta,
Sem ter de me comprometer.

Deixemos o irmão, finalmente,
Ficar sozinho, a meditar,
Pois mais do que temos errado
Não dá para ele aguentar...

É sábio quem se sustenta
De moral bem superior,
Oferecendo os seus préstimos
P'ra demonstrar muito amor.

Sabemos, caro irmãozinho,
Que existe muita tristeza;
Tentaremos convertê-la
Em mui saudável beleza.

Que lhanura neste gesto
De pôr-se à disposição,
Mesmo que a rima ofereça
Mui comum terminação.

Iremos ter de ficar
Aqui presos até o fim,
Porquanto nos atrevemos
A turbar o irmão assim.

Que grande infelicidade
Interromper o trabalho;
Agora mais parecemos
Carta fora do baralho.

Fomos, enfim, descobertos,
Mas o irmão vai escrevendo;
Não terá pena de nós,
Visto que estamos sofrendo?

Pois, se é preciso acabar
No tempo a nós destinado,
É bom, então, se apressar,

P'ra não ficarmos de lado.

Ainda resta uma folha
P'ra vir a ser preenchida.
Se não tivermos vontade,
Vai ficar aqui a vida.

É certamente bem isso
Que passa no coração,
Pois não pretendo fazer
Má nenhuma concessão.

Vamos o tempo esgotar
E o bom irmão vai dizer
Se é o instante de parar,
Se não chega de sofrer,

Como são nossas promessas
De deixar caminho aberto,
Pode se acreditar nelas,
Pois o projeto é bem certo.

Caso persista este amigo
A escrever rapidamente,
Nós é que vamos fazer
Algazarra permanente.

Estamos muito contentes
Por sabermos que hoje em dia
Os amigos são fiéis:
Não se entra mais em *fria*.

Quase iríamos pular
O último destes versinhos,
Até que veio dizer
Desses pobres com carinhos.

Nosso irmãozinho sustenta

Que não se deve ir à toa;
É preciso consignar
Alguma coisa bem boa.

Vamos, então, esmerar-nos
Por fazer uma quadrinha
Que deixe o irmão bem contente:
O mais é erva daninha.

Que belo animal o cão:
É fiel e protetor;
Será que tem coração,
P'ra entender o que é o amor?

Nosso final se aproxima,
E é muito rápido até,
Porquanto o que mais se estima
É o respeito a nossa fé.

Não quero deixar o posto,
Sem haver feito algo bom,
Mesmo que simples quadrinha
Que contenha o mesmo som.

O Cristo um dia falou
Ser nosso dever crescer;
E nos disse quais os vícios
Que eram para combater.

Disse também, com firmeza,
Qual era o nosso dever;
Aguardemos, pois, irmãos,
O nosso resplandecer...

Não vou deixá-los na mão:
Isto é puro sentimento
De confraternização.
Escreva-se: — *Estou atento!*

25

ACABRUNHADOS

Quando o médium estiver
Mui absorto em pensamentos
Irá saber, certamente,
Donde vêm os seus tormentos.

Que raridade de versos
Construímos logo acima:
Vejam só que perfeição,
Quanto ao ritmo e quanto à rima...

Sou exímio na ironia,
Quando trato de mim mesmo;
Talvez seja estimulante
Esgrimir mesmo que a esmo...

Conhecidos os batutas
Que terão de duelar,
Apartemos suas lutas:
Conjuguem o verbo *amar*.

Naturalmente, outro dia,
Vamos aperfeiçoar
Os pobres versos de agora,
Para lhes dar um novo ar.

Que misteriosa ocorrência
Está para acontecer:
Tratar-se-á de vidência
Ou algo de estarrecer?

Pois, simplesmente, acontece
Que os versos tiveram fim,
Não no dia ou na folha,
Mas nesta página — sim...

Excelente, bom colega,
Perceber que não se afina,
Tendo em vista tão ruim
Ter sido esta sua sina!

Queimaremos o papel
Que não nos tiver servido:
Mais vale um favo de mel
Do que vespeiro atrevido.

São amáveis os bichinhos
Que se deixam dominar,
Não tanto na natureza,
Mas por força de rimar.

Que pena que não tenhamos
Qualquer forte inspiração,
Senão agora estaríamos
Com o coração na mão.

Os rápidos versos surgem
Perfeitos em sua métrica,
São todos de sete sílabas,
Conquanto com rima tétrica...

O médium fica contente,
Quando a rima surge feita;

Percebe, então, que su'alma
Se sente bem mais perfeita.

Caminharemos sozinho,
À procura de acertar:
É impossível que, um dia,
Não venhamos a rimar...

É sagrado o pensamento
De que tudo irá ter fim,
Pois também o treinamento
Já está quase pronto assim.

Aqueles versos continham
Um bom desenvolvimento,
Contudo, ao chegar a rima,
Houve um esmorecimento.

Querelas são imperdíveis,
Se realizadas co'amor;
Entretanto, se houver ódio,
Fujamos delas: — *Que horror!*

Que belos os sentimentos
Demonstrados outro dia;
Em vez de duros tormentos,
Houve mui suave harmonia.

Cada vez que terminamos
Nossas tarefas dum dia,
Sentimos enorme alívio:
Sinal de sabedoria.

Nossos irmãos deste lado
Não sabem o que dizer;
O mediunato é sagrado:
Só se pode bendizer.

Agora, estamos contentes,
Por já saber que é a hora;
Vamos ter, forçosamente,
De permitir que vá embora.

São poucos os nossos médiuns
A serviço cá do etéreo;
A maioria das vezes,
O seu sentimento é aéreo.

Forçamos aquela rima,
Para dar curso à poesia,
Mas esta rima de agora
Não vai trazer agonia.

Conheçamos nossa sina,
Compreendendo à perfeição
Como se faz a engrenagem
Que conduz à encarnação.

Satisfeitos estaremos,
Quando esta festa acabar:
É sinal de que teremos
Outro bem a cultivar.

Nada, no mundo, acontece
Sem nada de sofrimento;
Entretanto, a nossa prece
Pode evitar o tormento.

Conhecendo o irmão que escreve,
Vamos afirmar convicto
Que não teremos trabalho
Por deixá-lo muito aflicto.

Quermesses e procissões
Se fazem todos os anos,
P'ra suplicar aos irmãos

Que se evitem os enganos.

É rica a veia poética
Dos irmãos do nosso grupo;
Mas não consegue evitar
Que aqui se ouça muito apupo.

Quando chegar minha vez
De partilhar da poesia,
Pretendo trazer a quadra
Pronta desde um outro dia.

Como faço p'ra evitar
Que as rimas fiquem caducas?
Pois é preciso parar
De ter ideias malucas...

Conheci um bom mineiro
Que pitava todo o dia;
Ia perdendo a saúde:
Morreu já de pneumonia.

A malária é uma doença
Transmissível por inseto.
O bem que gente promove
Não tem o mesmo trajeto.

Quase estamos conseguindo
Complementar as quadrinhas;
Quem sabe esteja bem próxima
A vinda das adivinhas.

Forçamos o mais das vezes
Que o verso fique completo,
Inscrevendo, nos dizeres,
Algum sujeito ou objeto.

Adiantar-nos-á insistir,

Bom amigo Wladimir?
Não será maior tormento
Vir dar corda ao pensamento?

Não haverá bom refrão
Ao prolongar a canção,
Já que é doce a melodia
Que se ouve ao final do dia?!

Os versos de par em par
São mais fáceis de fazer,
Pois dá para adivinhar
A rima que irá nascer.

Quando se trata de quadra
Essa expectativa aumenta,
Porque, entre um e outro verso,
A alma fica desatenta.

— *Com certeza!* — está a dizer
Este amigo, conformado,
Pois já aprendeu a fazer
Pelo método quadrado.

— *Que bom seria se agora
Terminasse o meu tormento,
Pois estão a me dizer
Que tudo é no pensamento!*

Eis que nos chega o arremesso
Que nos leva ao fim da linha;
Seja, pelo menos, esta
Uma excelente quadrinha.

Hoje o dia está perfeito,
Como o amigo adivinhou,
Pois falta bem pouco tempo:
Este exercício acabou...

Quem sabe, em data bem próxima,
Nos visite alguém de peso,
Que saiba trazer sossego:
Hoje o ambiente está teso.

Acabrunhados ficamos,
Ao final de mais um dia,
Sem que tenhamos chegado
A expressar doce alegria.

Bem suave é a melodia
Que nasce no fundo d'alma;
Por sobre tudo ela paira:
Sobre o mundo leva a palma.

Sem medir as consequências,
Caímos no lodaçal;
É duro sair de lá,
Carregando grande mal.

O nosso último versinho
Afinal será ditado,
Pois não é crível que dê
P'ra sair atormentado...

26

VONTADE DE ACERTAR

Quisera poder, um dia,
Registrar minha presença,
Através duma poesia
Capaz de elevar-lhe a crença.

Perigosamente, digo
O que desejo fazer,
Mas a verdade é que tenho
A condição de escrever.

Por que, então, eu não consigo
Deixar o recado já?
Será que tenho motivo,
Ou vou deixar como está?...

Certo refrão popular
Diz que o errar é muito humano,
Mas perdoar é divino:
Repetir o erro, insano.

Conhecido dos amigos,
O provérbio faz furor,
Porquanto todos desejam
Livrar-se de algum pavor.

Languidamente é que escrevo,
Pondo o médium aturdido,
Pois tudo isto que redijo
Eu assopro-lhe ao ouvido.

Parece que o dia está
Fortemente positivo:
É que esta turma daqui
É do socorrismo ativo.

Impropérios são ouvidos,
Subindo das profundezas;
Ergamos, contudo, irmãos,
Com nossa fé, fortalezas!

Caminhando pela praia,
Ia o menino Jesus;
Assinalava as estrelas,
Pelos seus fachos de luz.

Chegou-se a ele um sujeito,
Ancião de barbas brancas;
Ajoelhou-se ao seu lado,
À altura de suas ancas.

Calou-se o quanto podia,
Buscando ouvir o menino,
Que prosseguiu enlevado,
Ouvindo do céu seu hino.

O pobre velho chorou
Conturbado de emoção,
Quando, no rastro do jovem,
Viu estrelas pelo chão.

Se pudermos burilar
Os versos acima escritos,

Poderíamos deixar
Os temas bem mais bonitos.

Por isso, caro escrevente,
Após o fim da sessão,
Dedique um pouco de tempo
Para boa refacção.

Não lhe pedimos seja hoje,
Respondendo à inquirição.
Poderá ser noutro dia,
Após a preparação
Do texto dum outra equipe
Do qual falta só a impressão.

Deverá ir percorrendo
Todos os versos de novo;
Aí, bem devagarinho,
Os problemas eu resolvo.

Da mesma forma que acima
Tivemos dificuldade,
Ao procurar nossa rima,
Daremos mais propriedade.

Como você pode ver,
As instruções continuam,
Mas o treino não parou,
E com ele todos suam.

Como seria feliz,
Se isto tudo me viesse
Com muita facilidade;
Mas o que vem, na verdade,
Que simples joia parece
Exige grande acuidade.

Não vá afastar-se de nós

Só porque titubeamos;
Não vale a pena chorar,
Quando nós nos enganamos.

Deveríamos calar,
Ante crítico feroz,
Mas iremos enfrentando,
Com um sofrimento atroz.

Se algum poeta viesse
Para observar estes versos,
Falaria, ao que parece:
— *Mas que compassos perversos!...*

Que dor não termos a veia
Dos poetas mais sublimes;
Esse é o desejo daqueles
Que não jogam nesses times.

Poderíamos rimar
Com *crimes* o verso que acima,
Mas não há *crimes sublimes*:
Isso nunca vai dar rima.

Como é duro labutar,
Forçado por este vezo,
Já que é preciso acabar
Com o vaidoso desejo.

Se a rima não é perfeita,
Que se apresente soante,
E que preencha o versinho,
De modo a não ser frustrante.

Quedaremos mui felizes,
Quando chegar a nossa hora
De dizermos: — *Finalmente*,
Já é hora de ir embora...

Parece custoso, às vezes,
Uma outra folha enfrentar,
Mas, de repente, eis que chega
A hora de terminar.

Arrumamos nossa trouxa,
Vamos pelo mundo afora,
À procura de quem queira
Receber-nos logo agora.

Caminhando pelas trevas,
Surpreendemos muitas vezes
Quem esteja elaborando
Pensamentos mui soezes.

Aí, tentamos orar,
Em proveito desse irmão,
Mas nem sempre conseguimos
Realizar nossa intenção.

São muitos os que arreliam,
Quando percebem que estamos
Rezando uma ave-maria:
Somos folhas nos seus ramos.

Passou a oportunidade
De bela quadra preencher;
Não faz mal, vamos para outra:
Aquela não vai valer.

Apesar de concluída,
A anterior não progrediu,
Avançando, sobranceira,
No sentido que intuiu.

Escrever por escrever,
Jogando conversa fora,

É bom p'ra desocupado,
Ou p'ra treino como agora.

Saiu-se bem o irmãozinho
Procurando resolver
O problema que se punha:
Era o de ver para crer.

Sempre que nos acontece
De se quebrar o versinho,
Põe-se o médium a contar
Com dedinho após dedinho.

Pois aí está o exemplo
Do que acima lhes dissemos;
Já lá está nosso irmãozinho:
— Tá, tá, tá, tá, ti, tá, temos!...

Pois é com grande alegria
Que viemos hoje aqui;
Como de treino tratava:
— Tá, tá, tá, tá, ti, tá, ti...

O recurso imaginado
Só se deu por euforia,
Jamais, em quadra formada,
Alguém isto marcaria.

Por muito que elucubremos,
As trovas são bem capengas;
Só aguardamos que nos chegue
Quem não queira lengalengas.

Neste dia, vou deixando
Várias recomendações;
Apesar de alguns percalços,
Conseguimos emoções.

Não queira, bom amiguinho,
Ver nesta nossa poesia
Nada de muito solene,
Nem qualquer patifaria...

Quando for chegada a hora,
Há de ser você avisado;
Portanto, ponha-se atento,
Não fique desesperado.

As quadrinhas vão surgindo,
O texto está progredindo,
O médium fica sorrindo,
Com seus recursos servindo.

O gerúndio não se presta
Para fazer algo lindo,
A não ser que não se encontre
Um nome que vá servindo.

Eis nosso último arremesso
Deste bom final de dia,
No entanto, não estremeço,
Pois isto não é poesia.

27

TEMA INVARIÁVEL

Bom amigo Wladimir,
Eis-nos aqui novamente,
Para lhe trazer os versos
Que o tornarão mais contente.

Que tal a primeira quadra:
Parece-lhe estar inteira?
Pois vê se se configura
A rima para a terceira.

Vejo que não se apurou
O nosso bom companheiro;
Deixou em paz a segunda:
À terceira deu-se inteiro.

Não houve algum prejuízo
Nesta forma de escrever:
Qualquer reforma que faça
É esta que se vai ler...

Se houvéssemos esquecido
De rimar a quadra acima,
Certamente o bom amigo
Iria propor-lhe a rima.

Não fique desesperado,
Lendo sempre os mesmos versos:
Não os coloque de lado,
Eles não são tão perversos.

Agora está parecido
Com o que temos a dar,
Pois o compasso está fraco
E esta rima de assustar...

O pobrezinho do irmão
Que apanha o nosso ditado
Não se cansa de escrever,
Até mesmo encalacrado.

Eis que tivemos sucesso,
Forçando um pouco esta rima;
Algum dia encontraremos
Aquele que nisto prima...

Salientaremos agora
Necessidade premente
De confiar estas mãos
A uma outra espécie de gente.

É certo, contudo, amigo,
Que seguiremos aqui,
No aguardo daquela gente
Que porá pingos no i.

Falar tão só destas trovas
É treino forte demais,
Mas, se dermos outro tema,
Seremos sensacionais?

— *Que quadrinhas mais mambembes!* —
Pensará toda esta gente;

É o que se pode fazer
Por sermos tão deficiente.

Uma outra hora voltaremos,
Trazendo prontos os versos,
Quem sabe conseguiremos
Tecer assuntos diversos!...

Vamos voltar à *Escolinha*,
Plenos de grande alegria,
Já que fizemos quadrinha
Cheia de sabedoria.

Pode parecer mui pouco
O que estamos conseguindo,
Mas a verdade é só uma:
É que estamos progredindo.

Saem os versos um a um,
Alguns fáceis, outros não;
Todos, porém, formulados
Bem dentro do coração.

Se conseguirmos fazer
Sério desenvolvimento,
Por certo iremos vencer
O que nos traz tal tormento.

Aquele encontro que tínhamos
Com nosso irmão, outro dia,
Foi adiado p'ra agora,
Para ver se ele atendia.

Foi bem assim que se deu
E já se vê tal proveito:
Vemos bater, sonoro,
O coração dentro ao peito.

Mas pode ser que aconteça
De não terem bom sentido
Os versos que se esparramam:
[Aí teremos falido...]

Ficou uma linha em branco,
Aguardando alteração:
Nem sempre logo aparece
Bem fácil a solução.

As rimas que se acumulam
São sempre aquelas mais fáceis.
Vamos ver como saímos
Diante de novos impasses.

Parece que está capenga
A tal rima feita acima.
Esta de agora é perfeita,
Ou só disso se aproxima?

Pois o nosso treinamento
Está próximo do fim;
Hoje pareceu mais fácil,
Pelo menos para mim.

Vamos contar as quadrinhas:
Esta é a vigésima sexta;
Como é que nós sairemos
Do cangote desta besta?!...

Porque sempre há uma saída
Quando a tal rima é existente,
Como no caso da quadra
Que se põe aqui presente.

Vamos suspender o acesso,
Pois este nosso escrevente,
Diante do nosso sucesso,

É para estar bem contente.

Insiste-nos ele ainda
Que façamos outros versos,
Buscando variar as rimas,
Tratando temas diversos.

Caro irmão, não precipite
Esta hora de despedida;
Medita o confrade amigo
Sobre o tempo e sobre a vida.

Não adianta prosseguir
Buscando fazer rimar
O escrevente Wladimir
Co' o espírito Valdemar.

Não se trata desse nome,
Como se fosse um qualquer;
É preciso respeitar,
Se respeito se quiser

Vejamos a quantidade
Das quadras que se fizeram:
São, ao todo, trinta e três;
Só mais três — e elas se encerram.

Vamos coroar o dia
Deixando um bom pensamento:
Oremos muito a Jesus,
Que nos dará novo alento.

Na hora da despedida,
Ficamos mais um pouquinho;
Este é um antigo costume
De quem vive já sozinho.

Dá uma dorzinha no peito,

Ao deixar o companheiro:
Fica ele mui sem jeito:
Eu sigo, sem paradeiro.

28

RIMAS PSICOGRÁFICAS

Este dia se completa
Com punhado de quadrinha,
Pois é chegado o momento
De alguém dizer a que vinha.

Ponho-me à disposição,
Para fazer o trabalho;
Não sou, porém, exceção
Sem ajuda, eu me embaralho.

Que pena, querido amigo,
Que me falte inspiração,
Pois amor e boa vontade
Tenho p'ra dar de montão.

Quanto *brega* é minha rima,
Que sofrível o versinho!
Será que um dia estarei
Versejando mais azinho?

Não desejo questionar
O direito do irmãozinho:
Se ele precisa treinar,
Que sofra mais um pouquinho.

Então, vamos prosseguir,
Deixando o confrade alegre,
Buscando rima difícil
Que neste verso se integre.

Ficou muito satisfeito
O coitado do irmãozinho,
Que já percebe, de novo,
A fraqueza do caminho.

Não se pense que estejamos
Produzindo isto sozinho:
É fácil de perceber
A mão do nosso amiguinho.

Solertes, galguemos o muro;
Fujamos destoutro tormento;
Apliquemo-nos ao estudo;
Saibamos o rumo do vento.

Sempre que estamos perdidos,
Buscando enfeixar o verso,
Resolvamos aceitar
Algum impulso diverso.

Por ter sido imprevidente,
O bom homem decaiu,
Mas veio logo em auxílio
Quem ele mesmo traiu.

Mui sabido e conseqüente,
O bom consegue avançar,
No meio de tanta gente
Que está de papo p'ro ar.

Como estamos indo bem,
Siga mui rapidamente:

Não deixe que nossa falha
Atemorize mais gente.

Que belos serão os dias
Que estivermos todos juntos:
Poderemos discutir
Todos os nossos assuntos.

Vamos, porém, prosseguir,
Prestando mais atenção:
A rima está pobrezinha?
Vamos dar outra demão.

Saberemos discernir
Entre os males o que é bem?
Só se tivermos a mente
Equilibrada também.

As coisas vão caminhando,
Neste eterno devenir;
Já fizemos dezessete
Outras tantas hão de vir.

Não gostamos de deixar
Nenhuma quadra incompleta;
Mais tarde iremos voltar,
Ou não seremos poeta...

Realmente capengando,
Temos de reconhecer:
Parece que hoje acabou
Nosso estoque de saber.

Não está meu amiguinho
Dando a segunda demão;
Sendo assim, não vou tentar
Solucionar a questão.

Tudo fica bem mais fácil
Quando o médium solta a mão,
Deixando a mente vagar
Pelos campos da ilusão.

Não precisa corrigir
As falhas datilográficas;
Mais tarde, daremos trato
A estas rimas psicográficas.

Se você pensar que deve
Deixar agora este posto,
Saiba que iremos julgar
Tremenda falta de gosto...

Não conseguimos fazer
Muitos versos, neste dia;
Menos ainda sentimos
Que algo já virou poesia.

Somos bastante atrevidos,
Pensando ser bem possível
Transformar nossas ideias
Em algo muito legível.

Enquanto a tarde vai indo,
As quadras vão se formando,
P'ro treino ir prosseguindo
E o exercício completando.

Parece-nos que esgotamos
Todas as rimas possíveis,
Falando das coisas de hoje,
Como se fossem incríveis.

Veja só quanta fraqueza
Demonstra esta nossa rima;
Veja só esta de agora,

E também aquela acima.

Talvez, na hora propícia,
Consigamos corrigir
Estas falhas que atormentam
O confrade Wladimir.

Esteve fraco este dia:
Não conseguimos fazer
Algo de bom que pudesse
Este irmão satisfazer.

Já que a quota é de trinta,
Vamos dar por encerrada
Mais esta tarde de versos,
Apesar de derrotada.

Este é o último do dia;
Não se espere mais ninguém:
Meditar mais um pouquinho
Irá fazer muito bem.

29

DANDO TRELA

Vai ser um glorioso dia
Se conseguirmos fazer
Alguns versos mais perfeitos,
P'ra nosso gáudio e prazer.

Eis por que nós declaramos
Ser hoje dia de treino;
Por isso, preste atenção,
Ao adentrar nosso reino.

Se buscarmos novas rimas,
Deixe a mente liberada;
Quem sabe nos adiantemos,
Segundo a data aprazada.

Reunimos uns versinhos
Já prontos para o ditado,
Mas é preciso saber
Que nem tudo está formado.

Veja que dificuldade
Tivemos na quadra acima;
Eis que de novo falhamos
No controle desta rima.

Vamos pedir ao irmão
Não se impressionar com nada;
Deixe livre a sua mão
E a mente desocupada.

Eis que tivemos sucesso
Em bem mais duma quadrinha;
Esperamos, pois, o ingresso
De mais uma pobre linha.

É claro que reclamamos
Da falta de inspiração;
Mas que fazer, amiguinho,
Se é fraca nossa razão?

Não era isso que nós tínhamos
A intenção de discorrer;
Queira, numa outra ocasião,
A vibração atender.

Por pouco, não entregávamos
Nosso bom ouro ao bandido,
Fazendo com que este irmão
Ficasse desatendido.

Creemos que o dia vai indo
— Navio de vento na popa —,
Pois estamos prosseguindo,
A deglutir nossa sopa.

Claro que muito devemos
À ousadia deste irmão,
Pois jamais redigiremos,
Com tão pouca confusão.

Os versos no alto ditados
Não se encontram entre os nossos,

Pois todos que preparamos
São magros: estão nos ossos

Chegou o momento azado
P'ra despertar o leitor:
Oremos, contritamente,
Formosa prece ao Senhor.

Chegou a hora, parece,
De resumir, finalmente,
Tudo que acima dissemos
E que jazia na mente.

É mui belo o fim do dia,
Quando o trabalho se finda;
Louvemos com alegria,
Pois não há coisa mais linda!

Se tivermos a coragem
De enfrentar o desafio,
Moveremos a engrenagem:
O verso sairá sadio.

Tudo o que acima dissemos
É a mais completa verdade;
Só que nós não conseguimos
Rimar com propriedade.

Não importa, bom amigo,
Se não estamos contente;
O importante é o desafio
Ao coração do valente.

Estamos chegando agora
À metade do caminho;
Em breve, vamos embora:
Você vai ficar sozinho.

Que festa será no dia
De acabar o treinamento;
Por certo, estarei pensando:
— *Chegou ao fim o tormento!*

Vamos adiantar um pouco,
P'ra ficar perto do fim,
Porquanto estamos cansados
De tanto sofrer assim.

Quem me dera conseguisse
Uma só quadra perfeita,
Pois a turma ficaria
Muito alegre e satisfeita

Nós vamos deixar o posto,
Nesta horinha derradeira,
Com um sorriso no rosto,
Erguendo nossa bandeira.

Vamos, por certo, deixar
Nossa marca por aqui,
Embora nem sempre ouvíssemos
Elogios do Wladimir.

Como se pode saber
O que virá logo após,
Se o bondoso do escrevente
Não nos cala nossa voz?

Pois chega de sofrimento!
Dos dedos nos doem as pontas,
De tanto medir a métrica:
Tantas são as nossas contas.

Perdoe-nos a brincadeira,
Já que ficamos cansado;
Não tanto aqueles do etéreo

Mas os que estão ao seu lado.

Não queira continuar
Forçando esta barra, amigo,
Pois nossa boa intenção
Vem de tempo bem antigo.

Hoje, não damos vazão:
Estamos fora do abrigo;
Já não temos contenção:
Bem aí mora o perigo.

Iremos continuar
Só mais um pouco contigo
Para bem determinar
Quem é realmente amigo.

Pois não parece contente:
Está bravo, está furioso
O nosso caro escrevente,
Que não vê nada glorioso.

Só lhe damos esta trela,
Por julgarmos que progride;
Perdoe-nos, todavia,
Se esta nossa fala agride.

Veja que temos segredos,
P'ra continuar rimando;
Nem sempre somos tacanhos:
Basta atenção ir prestando.

Se aumentarmos este ritmo
Será que conseguiremos
Tornar as coisas mais fáceis?
Pois será o que tentaremos.

Não hoje, mas outro dia,

Já que o fôlego acabou;
Seria patifaria:
O mundo não desabou.

Não queremos terminar
De forma muito inferior;
Vamos, então, registrar,
Mais um pouquinho de amor.

30

CACOS DE POESIA

Um perigo aquele caco
Que punha em risco o passante,
Mas houve um'alma bondosa
Que, não prosseguindo avante,
Recolheu-o, p'ra evitar
Que alguém se fosse cortar.

Houve quem tivesse um dia,
Por espírito maldoso,
Atirado nessa rua
Um caco bem perigoso.

Tendo quebrado a garrafa,
Espalharam bem os cacos,
Em lugar de recolhê-los,
Depositando-os em sacos.

Sentimo-nos bem frustrados,
Por não poder avançar;
Não tem importância, amigo:
Iremos continuar.

Sem que tivéssemos visto,
Alguém passou pela porta;

Será que chegou auxílio,
Ou a esperança se aborta?

Recorremos ao amigo
Que apanha o nosso ditado,
Para completar a frase,
Evitando o termo errado.

Nem sempre, porém, teremos
Que requerer tal auxílio,
Pois, quando tivermos força,
Retornaremos do exílio.

É esta a história do grupo
Que comparece ao trabalho:
Sentimos ter de forjar
A rima através do malho.

É bem claro que o que estamos
Registrando por escrito
Tem dom de perseverança:
A luta é ganha no grito.

Não vamos desanimar,
Tendo em vista este fracasso,
Pois cada curta quadrinha
Ocupa mísero espaço.

Sempre haverá um outro dia
Para alcançarmos sucesso;
Haverá muita alegria
À vista desse progresso.

Se nosso amigo escrevente
Estiver com paciência,
Vamos pedir-lhe que escreva
Sob esta nossa assistência.

São tão fáceis estes ditos
Que trazemos p'ra escrever,
Que, pelos *Sãos Beneditos*,
É preciso ver p'ra crer.

Querido amigo escrevente,
Nós muito lhe agradecemos
Toda a atenção a esta gente
E nossa mão lhe estendemos.

Outro dia, voltaremos,
Com outras quadras montadas;
Por hoje declararemos
As poesias encerradas

Ainda você está aqui,
Aguardando nova rima,
Achando que este ambiente
Para ela está com clima.

Veja que rima forçada
Nos obrigou a fazer;
Agora, em definitivo,
Não vamos mais escrever.

Muito obrigado, irmãozinho,
Pela sua confiança,
Que é a última que vai,
Logo depois da esperança.

Como nos filmes de agora,
Ao terminar sua ação,
São colocadas legendas,
Comportando explicação.

É esta a finalidade
Destas últimas quadrinhas,
Que vêm para esclarecer

O que se tem noutras linhas.

Mas a verdade é que agora
Este improviso é fatal,
Pois nada está preparado
Neste túrbido final.

Até parece que temos
O dom da improvisação,
Pois estas rimas parecem
Conter muito mais ação.

Com exceção da anterior,
As demais estão porretas;
E não adianta fazer
Mui expressivas caretas.

Eis que este pobre poeta
Se esgoela de fazer dó,
Deixando entrever a chave
Que transforma o grão em pó.

Saltei de banda, amiguinho,
Despistei, fugi de medo;
Será que conseguirei
Guardar um baita segredo?

Mas segredo não direi;
Guardá-lo-ei para mim.
Aliás, será por isso
Que já estou chegando ao fim.

Pois será em definitivo
Que já irei me despedir;
Como sempre, eu vou dizer:
Good bye, dear Wladimir.

31

PACIÊNCIA, FÉ, PERSEVERANÇA E AMOR

— *Não tenho tempo a perder.* —
Fala o homem apressado;
Com isso, deixa passar
Muitos brindes de bom fado.

Fracassando a toda hora,
Vai o pobre acumulando
Muitos débitos penosos,
Pois é grande o seu desmando.

É preciso ter paciência,
Fé, perseverança e amor,
Para se ir à conquista
Do reino do Criador.

Não vamos nos esquecer
De agradecer, todo dia,
Todo o amor que ele nos deu,
Esta paz e esta alegria.

Não teçamos comentários
Que perturbem nosso ser;
Se os vizinhos não progridem,
É preciso compreender.

O barato sai mui caro,
Ao passar alguém p'ra trás;
Arregacemos as mangas
E tenhamos fé tenaz.

Não ficou boa a quadrinha?
Tentaremos novamente,
Já que temos escondido
Conhecimento na mente.

Se muito nos esforçarmos,
Chegaremos a algo bom;
Mesmo que a rima nos dê
Tonalidade marrom.

Caso ainda nos persista
Toda a alegria de outrora,
Teremos muito sucesso
Nas nossas lides de agora.

A perfeição é o estímulo
P'ra conseguir realizar,
Com as nossas próprias forças,
Quadrinha espetacular.

Conquanto bom não esteja,
Exultemos mesmo assim:
É forte o sinal de vida
Que se aproxima de mim.

Saibamos reconhecer,
Em cada versinho feito,
Que já estamos caminhando,
P'ra um dia sermos perfeito.

Enquanto isso, façamos
Todo bem que for possível,

Sem hesitar, sem temer
A ameaça mais horrível.

Escabrosos são os versos
Que despejamos acima,
Não tanto pelo sentido:
Fortemente pela rima.

Em todo caso, estou vendo
Que algum compasso perdura,
Já que cada redondilha
Se apresenta mui segura.

Enquanto nos ocuparmos
Simplesmente deste treino,
Jamais vamos atingir
As plagas dum novo reino.

Sonhando de olhos abertos
Parecemos endoidados
Mas a verdade é que um dia
Ficaremos extasiados.

Voltaremos, em seguida,
A tratar com mais cuidado
Dos assuntos do evangelho,
Ora deixados de lado.

A verdade é sofrimento
Para nossa compreensão,
Não nos impeça, entretanto,
De achar de tudo a razão.

Vamos renovar a mente,
Fazendo novos estudos,
Lendo as obras importantes,
Erguendo os nossos escudos.

Mais tarde aqui voltaremos,
Para dar nova feição
Ao versos que apresentarem
Carantonhas de bufão.

Mui satisfeitos já estamos
Com este próspero dia,
Pois mais um pouco avançamos
Na estrada desta poesia.

Sentimos ter de deixar
Nosso escrevente sozinho;
Se quiser continuar,
Volte amanhã bem cedinho.

Eis a derradeira trova,
Pois já estamos bem contente
Com o claro desempenho
Deste bondoso escrevente.

Adeus, amigo, ficamos-lhe
Muitíssimo agradecidos;
Não mais nos prenda, entretanto:
Os motivos são sabidos.

32

PERFAZ-SE A QUOTA

Estivemos todo dia,
Trazendo uns pobres versinhos,
P'ra mudar em alegria
O medo dos irmãozinhos.

A contar por este exemplo,
Deve o escrevente temer
Que tudo se faça lento,
Pois demorou a escrever.

A segunda trova, cremos,
Conseguiu melhor sucesso;
Isto vem p'ra confirmar
Que tivemos um progresso.

Não se perturbe, amiguinho,
Se a contagem não lhe bate;
Mais tarde aqui voltaremos,
P'ra acertar o disparate.

Agradecemos muitíssimo
Ter-se o amigo preocupado,
Não dando prosseguimento,
Deixando a trova de lado.

Parece que o tema de hoje
Serão as nossas fraquezas,
Pois, se é o que vem ocorrendo,
Não vamos causar surpresas.

Mais uma trova acabamos
De deixar assinalada;
Será que teremos pulso
Para mais uma arrancada?

Não é difícil a rima,
Desde que a ideia se firme,
Como aconteceu acima;
É bom que o médium confirme.

Não conseguimos sucesso,
Na maior parte das vezes:
É preciso compreender
A existência dos reveses.

Quisemos evidenciar
Através dessa quadrinha,
O pensamento que tínhamos
Vontade de pôr na linha.

Tão rápido quanto o vento
Que desmorona cidades,
Corre o nosso pensamento
Por sobre as dificuldades.

Vamos eleger agora
Um tema bem definido:
Falemos da vida honesta,
Como devera ter sido.

O homem de bom caráter
Sabe dizer as palavras,

Sabe aplaudir os irmãos
Que se esmeram em suas lavras.

Quem trabalha com orgulho
De tudo aquilo que faz
Recebe auxílio lá do Alto,
P'ra se manter sempre em paz.

P'ra alegria do escrevente
Vamos mostrando os recursos
Do que bem somos capazes;
Deixemo-lo assim contente,
Diante destes discursos
Desta turma de rapazes.

Vamos deixar afirmado
Que estamos muito contentes
Com a passagem p'ra este lado
De nossos vários parentes.

Não afrouxemos o assunto
Que nos trouxe até aqui presos;
Se seguirmos desatentos,
Não estaremos acesos.

Sugere o nosso escrevente
Que aliviemos a carga,
Pois lhe ditamos o fácil,
Deixando-lhe a sobrecarga.

P'ra quem não soube entender
A quadrinha logo acima:
É que a parte do escrevente
É *bolar* a nossa rima.

Vamos pedir ao amigo
Que conte as quadras escritas,
Pois está a parecer-nos

Que as últimas saem aflitas.

Como bem desconfiávamos,
Já completamos a quota;
Saibamos sair a tempo,
P'ra não mudarmos de rota.